

**ANGELA DAVIS  
IGNÁCIO DE  
LOYOLA BRAN  
DÃO ERA UMA  
VEZ SANDRA  
LORENZANO  
97 BLIMUNDA**

**III**

**PO**

***Editorial***

***UMA DÉCADA DE DEDICAÇÃO E SAUDADE***

***Leituras***

SARA FIGUEIREDO COSTA

***Estante***

ANDREIA BRITES E SARA FIGUEIREDO COSTA

***IGNÁCIO DE  
LOYOLA BRANDÃO***

WAGNER MERIJE

***ERA UMA VEZ***

SANDRA LORENZANO

***ANGELA DAVIS***

SARA FIGUEIREDO COSTA

***LILLIPUT***

***And the winner is... / Espelho Meu***

ANDREIA BRITES

***saramaguiana***

***SOMOS SERES***

***AMPUTADOS***

JOSÉ SARAMAGO

***AGENDA***

***Epígrafe***

JOSÉ SARAMAGO

blimunda n.º 97 julho/agosto 2020

DIRETOR

Sérgio Machado Letria

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Andreia Brites

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Costa

REVISÃO

FJS

DESIGN

Jorge Silva/silvadesigners



Fundação José Saramago  
[www.josesaramago.org](http://www.josesaramago.org)

PROPRIETÁRIO

Fundação José Saramago

NIPC

508 209 307

SEDE DO EDITOR E DA REDAÇÃO

Casa dos Bicos - Rua dos Bacalhoeiros, 10

1100-135 Lisboa Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10 - 1100-135 Lisboa - Portugal

[blimunda@josesaramago.org](mailto:blimunda@josesaramago.org) - [www.josesaramago.org](http://www.josesaramago.org)

N. registo na ERC 126 238

Os textos assinados são da responsabilidade dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação podem ser reproduzidos ao abrigo da Licença Creative Commons

Fundação  
José Saramago  
The José Saramago  
Foundation  
Casa dos Bicos

# Onde estamos Where to find us

Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa

Tel: (351) 218 802 040

[www.josesaramago.org](http://www.josesaramago.org)

[info.pt@josesaramago.org](mailto:info.pt@josesaramago.org)

Como chegar Getting here

Metro Subway

Terreiro do Paço (Linha azul Blue Line)

Autocarros Buses

25E, 206, 210, 711, 728, 735, 746, 759, 774, 781, 782, 783, 794

Seg a Sex / Mon to Fri  
11-17h / 11 am to 5 pm  
Sáb / Sat  
10-18h / 10 am to 6 pm



# EDITORIAL

## ***SOBREVIVENTES E AMPUTADOS***

«Sabemos muito mais do que julgamos, podemos muito mais do que imaginamos», disse uma vez José Saramago. Nos seus romances, as personagens – em especial as mulheres – são seres capazes de feitos inauditos como observar num mundo de cegos, recolher vontades, separar a Península Ibérica do continente europeu ou alterar a história ao substituir o sim pelo não.

Neste número, a Blimunda recupera uma intervenção pública de José Saramago em Porto Alegre, em 1999, quando lhe foi concedido o título de doutor Honoris Causa pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Naquele dia, o escritor defendeu que, mesmo sem o percebermos, nós, os seres humanos, somos sobreviventes e estamos amputados. E não somos capazes de perceber o poder que temos nas mãos.

«Porque penso eu que somos como seres amputados? Pela nossa própria resistência a reconhecer que o somos. Há poucas semanas, em Espanha, na cidade de Granada, usei dizer, contra a mais óbvia das evidências, que cada um de nós tem três metros de altura, mas que, ou não sabemos, ou não nos apercebemos, ou simplesmente não acreditamos. E usei dizer mais: que há algo acima de nós a que poderíamos chegar se o tentássemos.»

Disse, também, que se não fôssemos capazes de viver como «sobreviventes lúcidos e conscientes» tenderíamos a um final trágico. «Quando os crimes contra o planeta em que vivemos se tornarem irreversíveis, quando o lixo invadir as casas, quando a poluição fizer da atmosfera um espaço tóxico, quando a destruição das florestas tornar o mundo num deserto, quando os rios e os mares se transformarem em lixeiras fétidas, os sobreviventes não sobreviverão», remata.

Num momento de tanta incerteza e pessimismo como o que vivemos, palavras como as de José Saramago, de alerta e esperança, podem servir-nos de guia. Perceber que somos muito mais fortes e capazes do que pensamos, e que precisamos de usar esses poderes em nosso favor, parece ser a chave para os dias que vivemos.

SARA FIGUEIREDO COSTA

***LEITURAS***

L  
U  
Í  
S  
  
S  
P  
Ú  
L  
V  
E  
D  
A



# Lembrar Luís Sepúlveda

**«La ficción fue la gran herramienta con la que Luis Sepúlveda moldeaba la realidad de una vida que muchas veces le disgustaba.»**

No site de língua espanhola Zenda Livros, o escritor José Manuel Fajardo assina um texto sobre Luís Sepúlveda que, mais do que homenagear o escritor falecido recentemente na sequência da pandemia de COVID-19, é um percurso dedicado pela sua obra e pela sua vida: «Sin embargo, yo sospecho que en el caso de Luis Sepúlveda la razón del éxito de su obra se encuentra en el propio misterio de la personalidad del autor. Porque en la literatura de Sepúlveda vida y obra están mezcladas de una manera indistinguible. No quiero decir con ello que la obra de Sepúlveda sea autobiográfica. Tampoco que practique la llamada autoficción. La suya es una tercera vía a la que, si hay que buscarle una referencia en el acervo de la historia de la literatura, podría vincularse con la obra y la figura de Ernest Hemingway, un autor por el que Luis Sepúlveda sentía devoción y con el que compartía muchas cosas: la apuesta por una escritura desnudada de manierismos, la preocupación por los problemas sociales y políticos de su época, la defensa de un heroísmo cívico frente al poder establecido. En definitiva: una escritura

impregnada de una pasión de vida.» Terá sido essa paixão pela vida que transbordou para os seus livros, e daí para os muito leitores espalhados pelo mundo: «La ficción fue la gran herramienta con la que Luis Sepúlveda moldeaba la realidad de una vida que muchas veces le disgustaba. Sus ficciones eran el territorio en el que las injusticias son reparadas, los crímenes, vengados; los dolores, vencidos; la soledad, compartida. Sus ficciones mejoraban el mundo y, al hacerlo, nos decían que el mundo es mejorable. Anticipaban premonitoriamente la realidad. Tiraban de ella. La impulsaban. Son ficciones contagiosas, que entusiasman y calientan el corazón. Y lo hacen porque el propio autor se sumergía en ellas como un nadador y las abanderaba en su propia vida, apoyando causas, ejerciendo la crítica, reclamando los sueños y limpiándolos de la escoria de la mezquindad y del tiempo, con los escobazos certeros de sus argumentos. ¿Cómo no iba a cosechar lectores?» ▶



## Défice de proximidade

**«Que o abraço protege, que o abraço abriga, que no abraço os problemas do mundo se dissipam — evoco cada um desses argumentos duvidosos em defesa do gesto que agora querem abolir.»**

Desde que a pandemia foi espalhando contágios pelo mundo, a regra é o distanciamento. Podemos continuar a estar com as pessoas de quem gostamos, mas à distância, sem contacto físico. Ajudamos, assim, a travar a expansão do vírus, mas debilitamos os nossos mecanismos atávicos de relacionamento social. Na sua crónica regular publicada na UOL, o escritor brasileiro Julián Fuks fala sobre esse distanciamento imposto, focando-se na falta que lhe fazem os abraços: «Ninguém me entenda mal, este não será mais um ataque à ciência e ao conhecimento especializado. Apenas prefiro, às vezes, calar essas vozes sentenciosas, e deixar que ecoem pela minha casa afirmações mais delicadas - tão delicadas que até inexistem em qualquer discurso ou página publicada. Mais de uma vez me vi a imaginar como seriam as instruções de Julio Cortázar para o exercício perfeito do abraçar, como seria esse esboço esquecido em meio às suas instruções para chorar, para cantar, para dar corda no relógio, para subir uma escada.» E, mais adiante: «Que o abraço protege, que o abraço abriga, que no abraço os problemas do mundo se dissipam — evoco cada um desses argumentos duvidosos em defesa do gesto que agora querem abolir. Penso, no entanto, que o abraço é mais desejável justamente porque contagia, porque nos faz vulneráveis, porque deixa sobre os nossos ombros uma fração ínfima do corpo do outro, de suas impurezas bem-vindas. O abraço nos infeta de alteridade,



nos polui de carinho.» Fuks não duvida da necessidade de nos resguardarmos, protegendo-nos a nós e aos outros, mas tem consciência de que a ausência de abraços nos desumaniza, transformando os nossos relacionamentos mais ou menos próximos em meras trocas de informação. Isso tem consequências, claro, mas parece que só nos resta aguardar pacientemente pelo momento em que poderemos voltar a abraçar-nos: «Ninguém me entenda mal, não tenho pressa, não sairei pelas ruas estreitando desconhecidos, esperarei com a paciência possível um tempo de abraços livres.» ▶



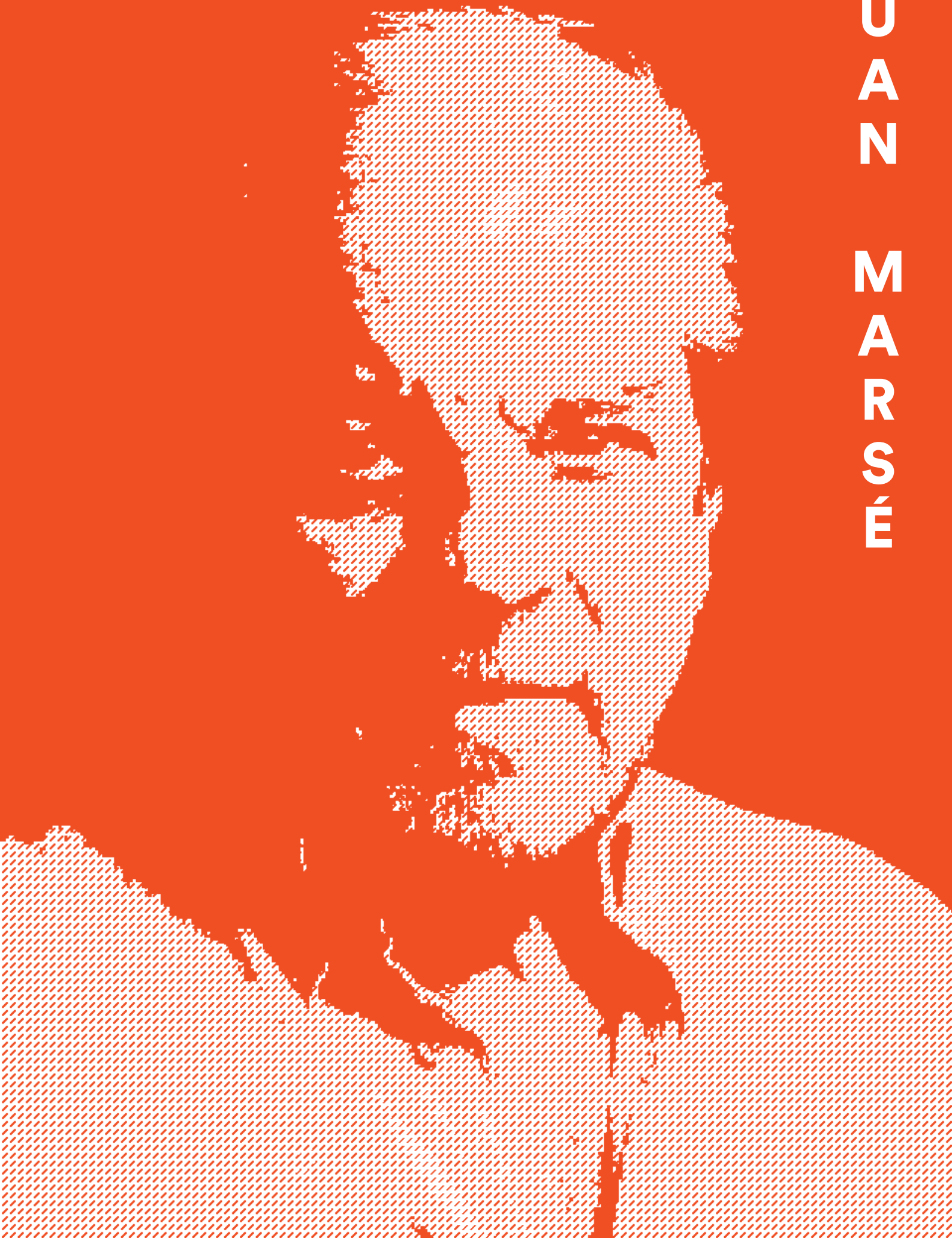
## O mundo de Juan Marsé

***«Una austeridad compacta, una honestidad compacta, un compacto respeto por sí mismo y por su trabajo.»***

O escritor catalão Juan Marsé morreu no passado mês de julho, deixando uma obra extensa e muito marcada pelo tema da Guerra Civil e pelos seus ecos posteriores, na ditadura e também na era democrática que se lhe seguiu. Num texto do jornal espanhol *Público*, a jornalista Cristina Fallarás afasta-se do registo de obituário e confessa a importância que Marsé assumiu, sem o saber,

nas suas próprias escolhas de vida. «Me sentaba en el murete porque allí, en las mesas de fuera, estaban los escritores, las escritoras. El editor y escritor Carlos Barral me impresionaba, y Jaime Gil de Biedma, Rosa Regàs, Ana Maria Moix, Alfredo Bryce Echenique. Todos por allí. Pero el que a mí me fascinaba era Marsé. Después leí todos sus libros y encontré la palabra: Compacto. Aquel hombre de manos camperas y cara labrada, su serenidad, su falta de impostura, estaban luego en su obra. Pero antes yo había pasado mi adolescencia y mi primera juventud contemplándolo, sentía que ya lo había visto. Compacto.» O fascínio pela escrita de Juan Marsé e a vontade de escrever também foram-se sedimentando, mas foi o jornalismo a acabar por ganhar espaço no quotidiano de Cristina Fallarás. Já na qualidade de jornalista, entrevista Marsé por várias vezes e a sua admiração pelo autor não se desvanece: «Yo quería ser Juan Marsé porque a su alrededor, y con él en el centro, existía un mundo culto pero no fatuo, una forma de andar descalzo por la orilla, de escribir sin hacer alarde de un magisterio ante el que cualquier creador o creadora honesta suspira y sonríe, conversaciones junto al mar, noches largas y, en su caso, una austeridad compacta, una honestidad compacta, un compacto respeto por sí mismo y por su trabajo. Además, claro, era el suyo un universo político. Por las referencias a la Guerra Civil, por supuesto, por el retrato de una clase obrera también, por todas esas cosas que ha contado. Sin embargo, después de observarlo durante tantos años, creo que lo más político de Juan Marsé estaba en un compromiso íntimo por no pactar

JUAN  
MARSÉ



con el engaño, con el relato que construye el engaño, el propio y el histórico.» Agora que Marsé já não caminha pelas ruas de Barcelona, talvez os muitos mundos que carregava com ele tenham igualmente desaparecido. Ou não totalmente, porque sempre ficam os livros para impedir a desapareição total. ▶

## **As novas escravidões**

***«Neste momento temos aquela situação louca em que temos de facto melhor proteção para os animais do que para alguns destes trabalhadores nas nossas explorações.»***

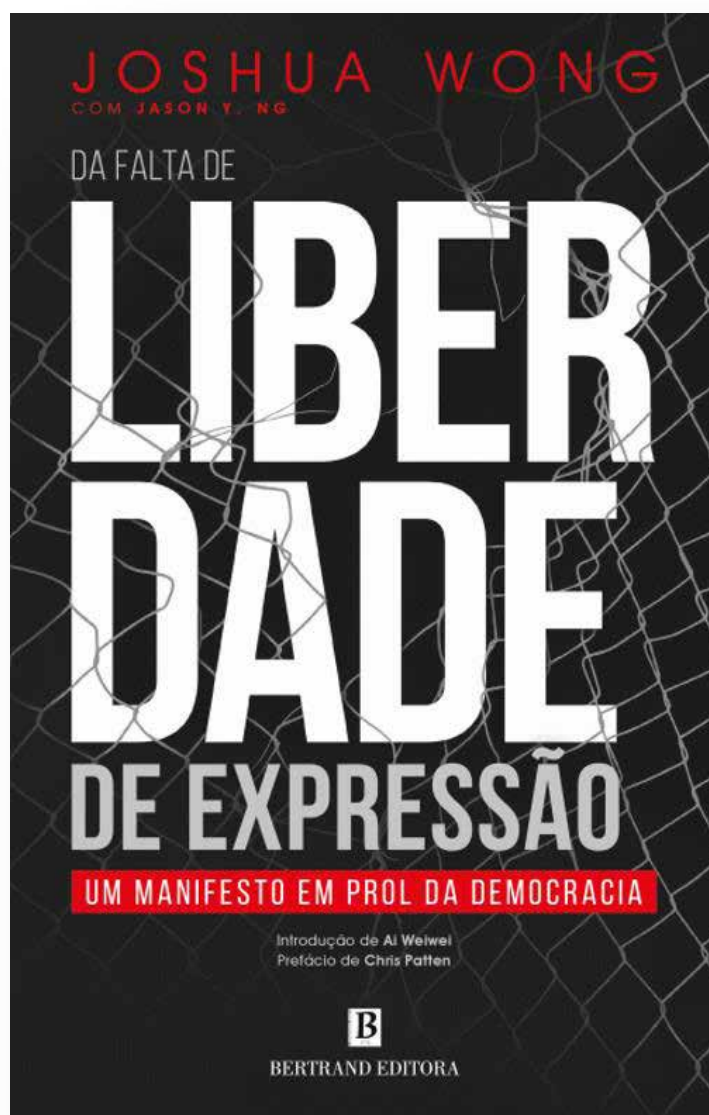
Falamos da escravatura como sistema já desaparecido, depois de lutas e movimentos vários terem conseguido impor algum grau de justiça e civilização nas leis que a permitiam. Falamos desse sistema desumano, que alimentou rotas comerciais, prosperidades nacionais e privadas, enriquecimentos vários e até desenvolvimentos saudados como muito benéficos, mas fazemo-lo sempre no passado, como se o modo de garantir força de trabalho à custa da supressão dos direitos humanos mais básicos tivesse sido apagada da face da terra. No site *EuroNews*,

uma reportagem de Anelise Borges traça um retrato desolador sobre as escravidões contemporâneas – e a sua aceitação tácita pela generalidade das sociedades –, destacando os trabalhadores da apanha e processamento da fruta que, na Europa, vivem abaixo de qualquer limiar aceitável no que aos direitos humanos diz respeito. Nos campos frutícolas, há quem comece a organizar-se, exigindo direitos, mas o cenário está muito longe da aceitação de uma exigência que deveria ser tão básica. Um excerto: «A Política Agrícola Comum (PAC) da União Europeia, que engloba o maior conjunto de subsídios do mundo, visa apoiar os proprietários agrícolas e atribui quase 60 mil milhões de euros por ano ao setor. As condições de trabalho das pessoas empregadas por estas explorações agrícolas, no entanto, nem sequer são mencionadas no programa de subsídios. "Neste momento temos aquela situação louca em que temos de facto melhor proteção para os animais do que para alguns destes trabalhadores nas nossas explorações", afirma Daniel Freund, eurodeputado do Grupo dos Verdes/Aliança Livre Europeia. Numa investigação conjunta, os órgãos de comunicação Lighthouse Reports, Der Spiegel e Mediapart e Euronews entrevistaram dezenas de trabalhadores agrícolas em todo o continente e as queixas são comuns. Reclamam de haver horas não remuneradas, trabalhar sob enorme pressão, com muito pouca água ou proteção, e até de haver alguns desmaios e vômitos devido à exaustão. Vivem em condições de habitação precárias e falam de casos de abuso verbal, físico e até sexual.» ▶

SARA FIGUEIREDO COSTA

***LEITURAS***

***Um jedi na luta pela  
democracia***



***(DA FALTA DE) LIBERDADE DE EXPRESSÃO***

JOSHUA WONG

BERTRAND EDITORA

TRADUÇÃO DE FERNANDA OLIVEIRA

Joshua Wong é uma figura central nos protestos pela democracia que têm marcado o quotidiano de Hong Kong nos últimos anos. Aos 14 anos, fundou o movimento Scholarism, em oposição à Lei da Educação Patriótica que o governo de Pequim quis impôr em Hong Kong. Juntou-se entretanto ao Occupy Central e à exigência de eleições por sufrágio universal. Esteve nas manifestações que ficaram conhecidas como Umbrella Movement e, mais recentemente, nas que se opuseram à nova Lei da Extradução. Em 2016, ajudou a fundar um partido político, o Demosistó, que tem concorrido à Assembleia Legislativa de Hong Kong sem que os seus deputados eleitos consigam exercer funções. Foi preso várias vezes, tendo cumprido mais de cem dias de cadeia em diferentes momentos.

Aos 24 anos, claro que Joshua Wong tem o perfil adequado para que os media façam dele estrela de capa, concentrando na sua pessoa todas as atenções devidas a um movimento que, como todos, se compõe de muita gente, algumas tensões, visões contraditórias. Mas desvalorizar Wong só porque os media ocidentais o quiseram transformar num ícone revolucionário de apelo imediato seria ingénuo – ou mal intencionado. Nos textos que integram este livro (parte deles, escritos na prisão), o jovem ativista expõe as suas ideias sobre a luta pela democracia, bem como sobre modos possíveis de abrandar as desigualdades sociais. Essa exposição é claramente original, resultado de confrontos e pensamentos que Wong foi desenvolvendo com o passar dos anos, refletindo o percurso único de alguém que já nasceu numa Hong

Kong com administração chinesa, mas com autonomia a muitos níveis, e num mundo onde a internet e a rapidez da comunicação permitem movimentos talvez incompreensíveis para alguns membros das gerações mais velhas, mas nem por isso inexplicáveis. O discurso de Joshua Wong neste livro é sempre focado, informado sobre outros exemplos de lutas democráticas – atuais ou antigas – e por vezes sustentado em paralelismos que serão motivo de troça para quem acredite que os movimentos revolucionários, ou têm cartilha, ou não têm esperança: vejam-se as constantes referências à saga Star Wars, revelando que Wong e os seus companheiros se sentem na pele de Jedis, vendo o governo central chinês como uma espécie de Império Contra-Ataca. Bem podem as ortodoxias revolucionárias clamar contra tais referências, chamando-lhes infantilidade. Basta recordar a oposição do Scholarism à Lei da Educação Patriótica, em 2014: mais sabre de luz, menos nave espacial em derrocada, o certo é que a lei não passou.

Joshua Wong nasceu numa família cristã e passou parte da infância e da juventude dedicado às atividades da igreja, muitas vezes acompanhando o pai em ações de voluntariado junto dos mais pobres. Talvez aí tenha nascido o seu à vontade com a oratória, com o tomar da palavra em público, mas mais importante que isso terá sido o contributo que esse convívio com os mais pobres trouxe à mundividência do ativista: «–Para que servem estas visitas? Para que servem, se as coisas nunca




J  
O  
S  
H  
U  
A  
  
W  
O  
N  
G



mudam?», pergunta Joshua Wong ao pai, depois de uma visita a um lar de terceira idade onde as condições eram claramente indignas. «Ele deu-me uma palmadinha no ombro e replicou: “– Conseguimos animá-los durante duas horas, não foi? Vamos lembrá-los nas nossas orações. É o melhor que nós ou a igreja podemos fazer.” Por mais que respeitasse o meu pai, não podia discordar mais das suas palavras. Podíamos fazer muito mais por aquelas pessoas, só não nos tínhamos esforçado o suficiente. Não era justo a minha família poder viver num bairro de classe média, frequentar uma luxuosa mega-igreja e fazer férias no estrangeiro, enquanto quase um quinto da população local vivia abaixo do limiar da pobreza, mal tendo o suficiente para comer e sem uma casa decente onde morar.» (pg.34)

Às cartas que escreveu na prisão, e que foram sendo divulgadas por alguns meios de comunicação e sites, juntam-se reflexões anteriores sobre a necessidade de lutar pela instituição de uma verdadeira democracia em Hong Kong, com uma visão crítica e detalhada sobre a intervenção do governo chinês no território, e textos posteriores sobre a recente Lei da Extradução, que permite que uma pessoa seja detida em Hong Kong e julgada na China (onde os métodos judiciais e punitivos, sobretudo para detidos relacionados com questões políticas, são, como é sabido, pouco claros), ou sobre as recentes leis que permitem punir qualquer ato ou declaração que se considere um desafio ao governo local, portanto, impedindo a liberdade de expressão.

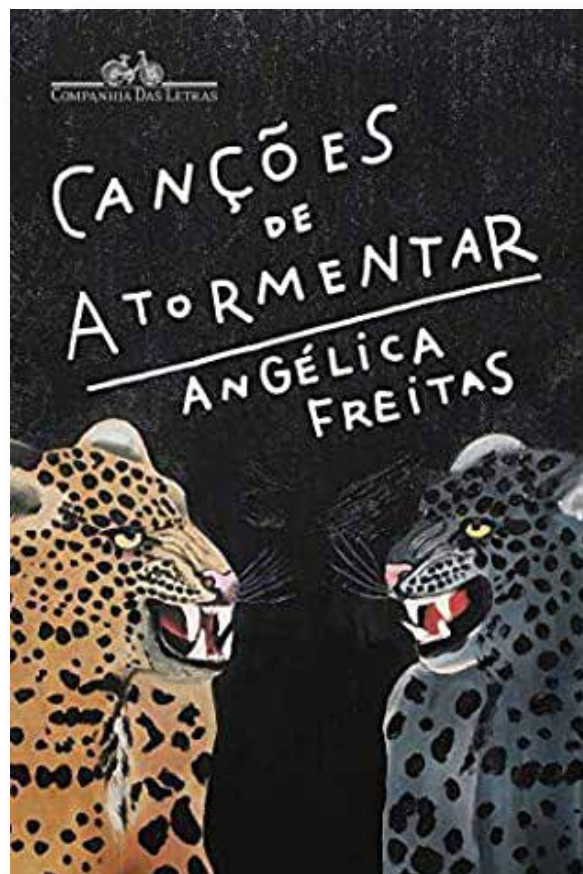


O jovem que parece desdobrar-se em reuniões, manifestações e distribuições de panfletos (veja-se o documentário *Joshua Wong: Teenager vs. Superpower*, da Netflix) é apenas um dos muitos ativistas envolvidos em todas estas lutas, com a particularidade de ter começado a fazê-lo quando ainda era um miúdo. O seu carisma acabou por transformá-lo em figura de proa de um movimento amplo, com reivindicações diversas, mas claramente orientado para a exigência de um sistema democrático em Hong Kong, cumprindo os acordos entre o Reino Unido e a China aquando da transição de poder, plasmados na Lei Básica. Se há coisa que se percebe com a leitura deste livro é que Wong não existe sozinho, o que pode contrariar um certo discurso tão apreciado pela imprensa internacional em busca de ícones, mas assegura, tal como nota o artista chinês Ai Weiwei no prefácio desta edição, que a luta pela democracia não se afrouxará sempre que voltarem a encarcerar Joshua Wong.



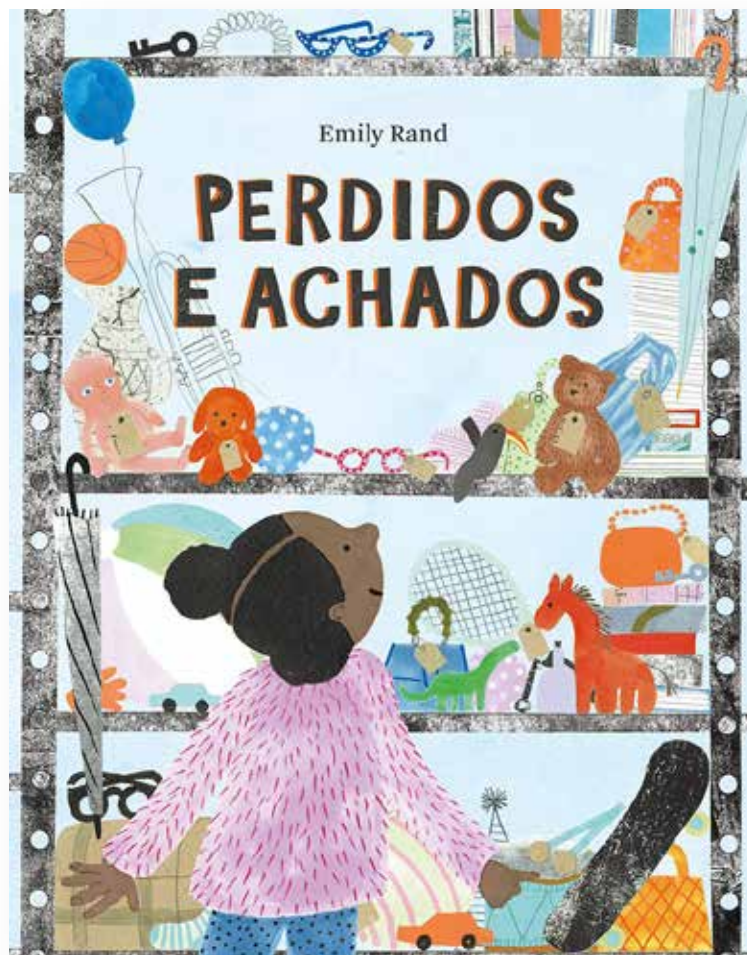
ANDREIA  
BRITES  
SARA FIGUEIREDO  
COSTA

E S T A N  
T E



***CANÇÕES DE ATORMENTAR***  
ANGÉLICA FREITAS  
COMPANHIA DAS LETRAS

Oito anos depois da publicação de *Um útero é do tamanho de um punho*, a escritora brasileira Angélica Freitas regressa com um volume onde se reúnem alguns poemas dispersos, mas sobretudo um corpus de poemas inéditos que prometem confirmar o lugar há muito marcado pela autora no panorama da poesia contemporânea em língua portuguesa.

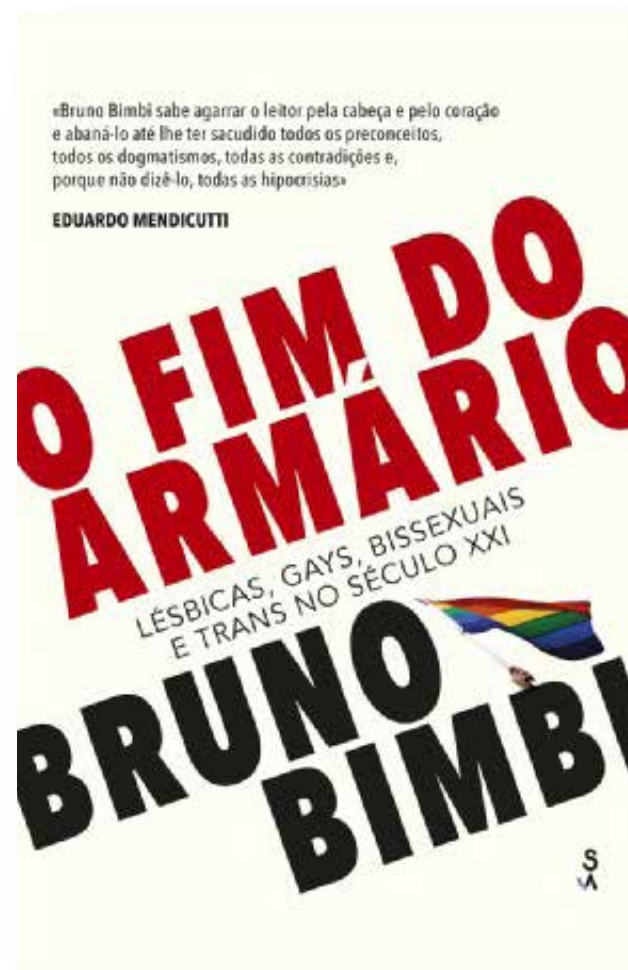


## ***PERDIDOS E ACHADOS***

EMILY RAND

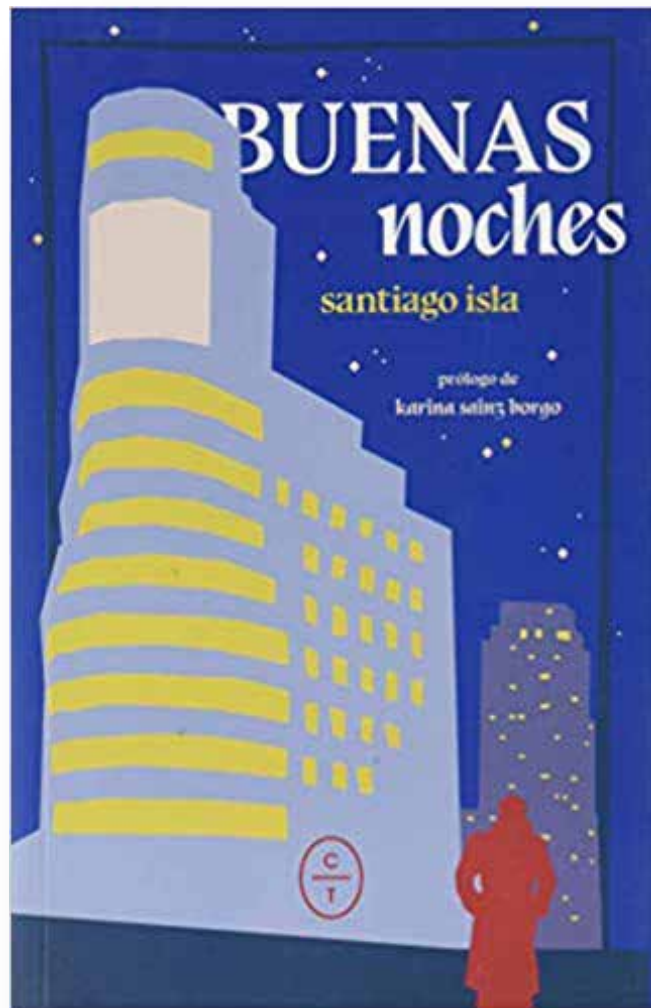
ORFEU NEGRO

Uma menina deixa, sem querer, o seu urso de peluche no comboio. Começa então uma falta insubstituível que a levará, com o incentivo de um sonho e a ajuda do avô a um lugar mágico onde quem ficou perdido aguarda por alguém que o encontre. Desde logo se depreende que o urso representa uma extensão do afeto e da segurança familiar, sendo por isso imperativa a solidariedade do adulto para com a angústia da criança. Logo nas guardas proliferam objetos no chão, e o mesmo se verifica na carruagem do comboio. Há uma invisibilidade para os atores da narrativa que não escapa ao leitor promovendo assim um deleite mais demorado.



***O FIM DO ARMÁRIO***  
BRUNO BIMBI  
SEXTANTE EDITORA

Dos motins de Stonewall à luta pela identidade de género, o escritor e activista argentino Bruno Bimbi traça um percurso pelas lutas LGBTI+, assinalando momentos essenciais desta caminhada cheia de acidentes e convocando para o debate outros movimentos, do anti-racismo ao feminismo, para uma reflexão que assume a interseccionalidade como elemento essencial da luta pelos direitos humanos. A edição portuguesa inclui um capítulo sobre Jair Bolsonaro e a extrema-direita europeia, olhando para o presente e ajudando a antecipar um futuro próximo que não se anuncia nada pacífico.



SANTIAGO ISLA  
**BUENAS NOCHES**  
CÍRCULO DE TIZA

Obra de estreia de um jovem escritor espanhol, este romance tem a cidade de Madrid como cenário, mas igualmente como protagonista. Ao narrador, visivelmente influenciado pela *flaneurie* de Baudelaire e pelas suas muitas heranças na literatura universal, cabe interpretar essa cidade de hoje, provocando-a, desafiando-lhe os sossegos e as rotinas assumidas, questionando como vivem os que nela vivem (sobretudo, os que habitam certas margens, propositadamente invisíveis), medindo-lhe o pulso a todo o instante: «Me refugio en un café cercano, y ahí, como un Zweig resucitado, me quedo mirando el esplendor y le pronostico un futuro de mierda.»



## **AQUI JÁ HOUE ALGO...**

FLIX

POLVO EDIÇÕES

O autor alemão Flix recolheu as impressões e memórias de vários amigos e conhecidos sobre o tempo em que um muro dividia Berlim (e a Alemanha, e talvez parte do mundo) em duas áreas bem demarcadas. O resultado, que inclui as suas próprias memórias, é um livro de banda desenhada uniforme no traço e na estrutura, mas polifónico nos registos e na descrição do impacto dessa construção na vida de quem com ela conviveu.

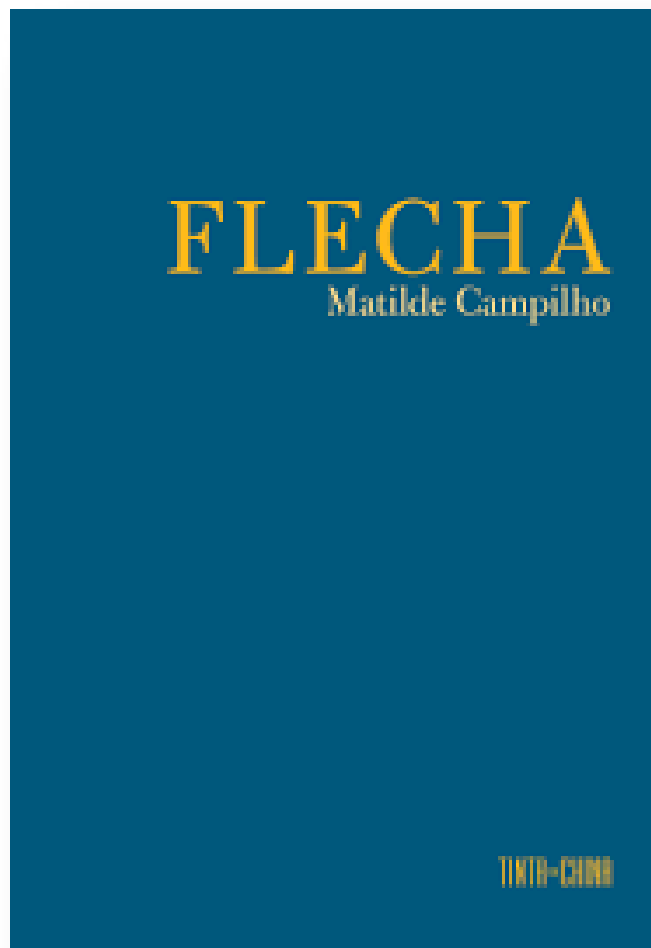




## **LOBOBULLYING**

EUGÉNIO RODA E GÉMEO LUÍS  
EDIÇÕES ETEROGÉMEAS

Uma paródia muito séria, como a maioria das boas paródias, é o resultado deste conjunto de textos curtos sobre o lobo e, muitas vezes, também sobre o homem. A diferença entre ambos é que o primeiro ocupa o seu lugar no livro por mérito próprio, afinal é o protagonista. Já o segundo tem de constar, não por ser querido ou desejado mas precisamente, de acordo com o título, por ser o vilão que aterra o animal, o desconsidera e maltrata de inúmeras formas. A estética da ilustração e o design que compõe o volume, com o contraste entre o branco do fundo e o bordeaux das formas recortadas, alimenta um jogo simbólico de luz e sombra entre presa e predador. Apesar dessa toada, a paródia nem sempre antagoniza os dois parodiantes nos diálogos, lengalengas ou receitas que descreve.



***FLECHA***  
MATILDE CAMPILHO  
TINTA DA CHINA

Depois da fortuna crítica de *Jokey*, livro de poesia com que se estreou na publicação, Matilde Campilho inicia-se agora na prosa com um conjunto de histórias que podiam ter nascido em muitos tempos e lugares, devendo ao aqui e agora uma espécie de ponto de ancoragem a partir do qual espalhar linguagem e narrativa em múltiplas direcções.



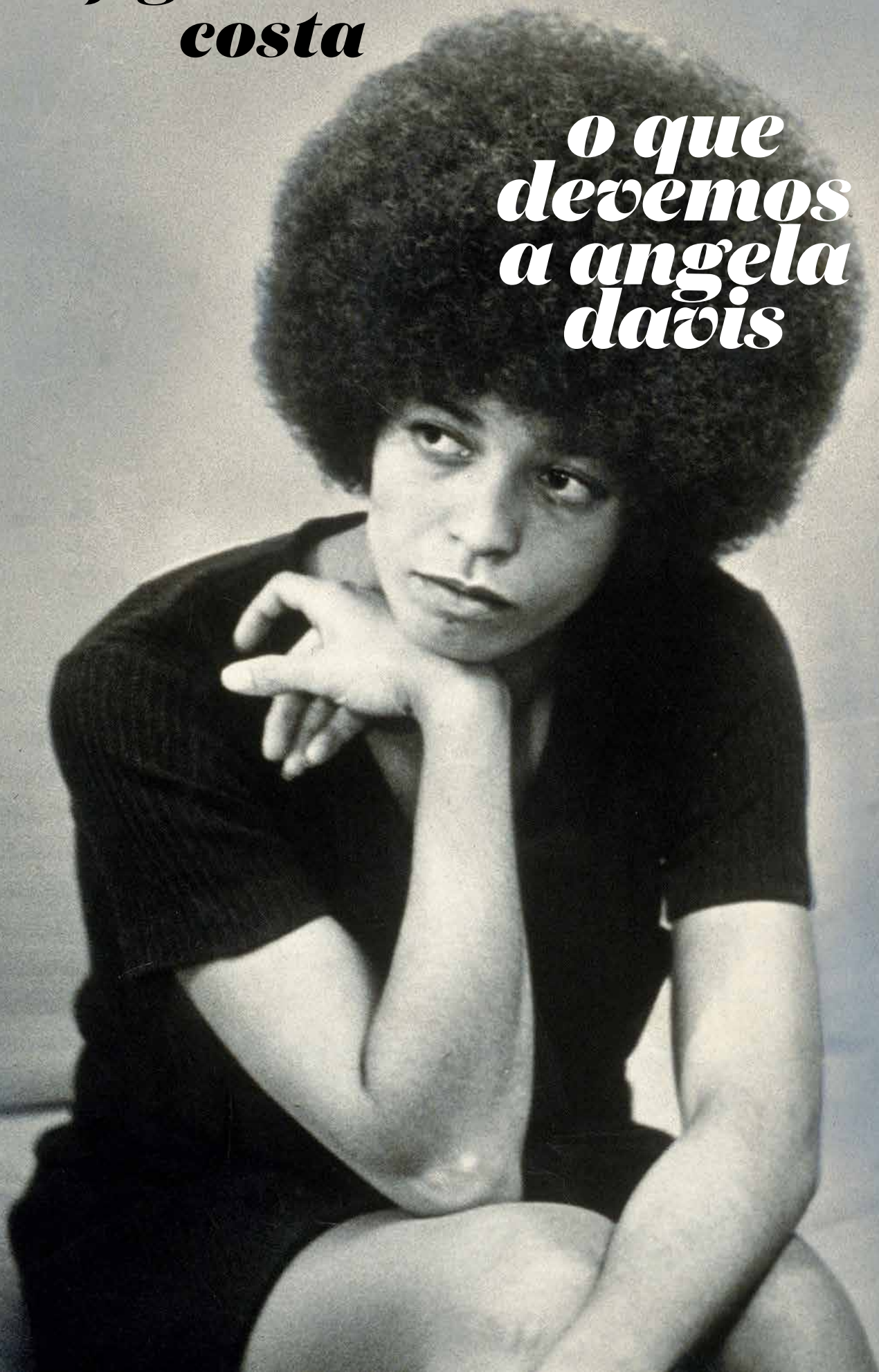
## ***A PEQUENA SEMENTE***

ERIC CARLE,  
KALANDRAKA

Como é apanágio da sua estética, este álbum mantém a poética singela que revela o mundo. A ideia de viagem e de passagem do tempo associa-se ao ciclo do desenvolvimento de uma semente. A sua angústia assemelha-se à da criança que quer crescer tanto ou mais e com maior rapidez que as outras. Porém, a este estado de alma associa-se a experiência de ver o infortúnio de sementes, plantas e flores que, por azar ou dimensão, acabam esmagadas, colhidas, comidas. O ciclo fecha-se de forma expectável, com a disseminação de novas sementes. A mestria de Carle poupa-o a um discurso redundante e dá ao livro um

**sara  
figueiredo  
costa**

**o que  
devemos  
a angela  
davis**



Na capa da revista *Life* de 11 de setembro de 1970, o rosto de Angela Davis era um desafio. O título «The making of a fugitive» parecia querer transformar esse desafio numa ideia algo desesperada de clandestinidade, mas o olhar daquela mulher, a cabeça emoldurada por um cabelo enorme e orgulhosamente crespo, não deixava de desafiar. Poucas semanas antes, Davis foi acusada de homicídio e envolvimento numa conspiração para libertar três prisioneiros.

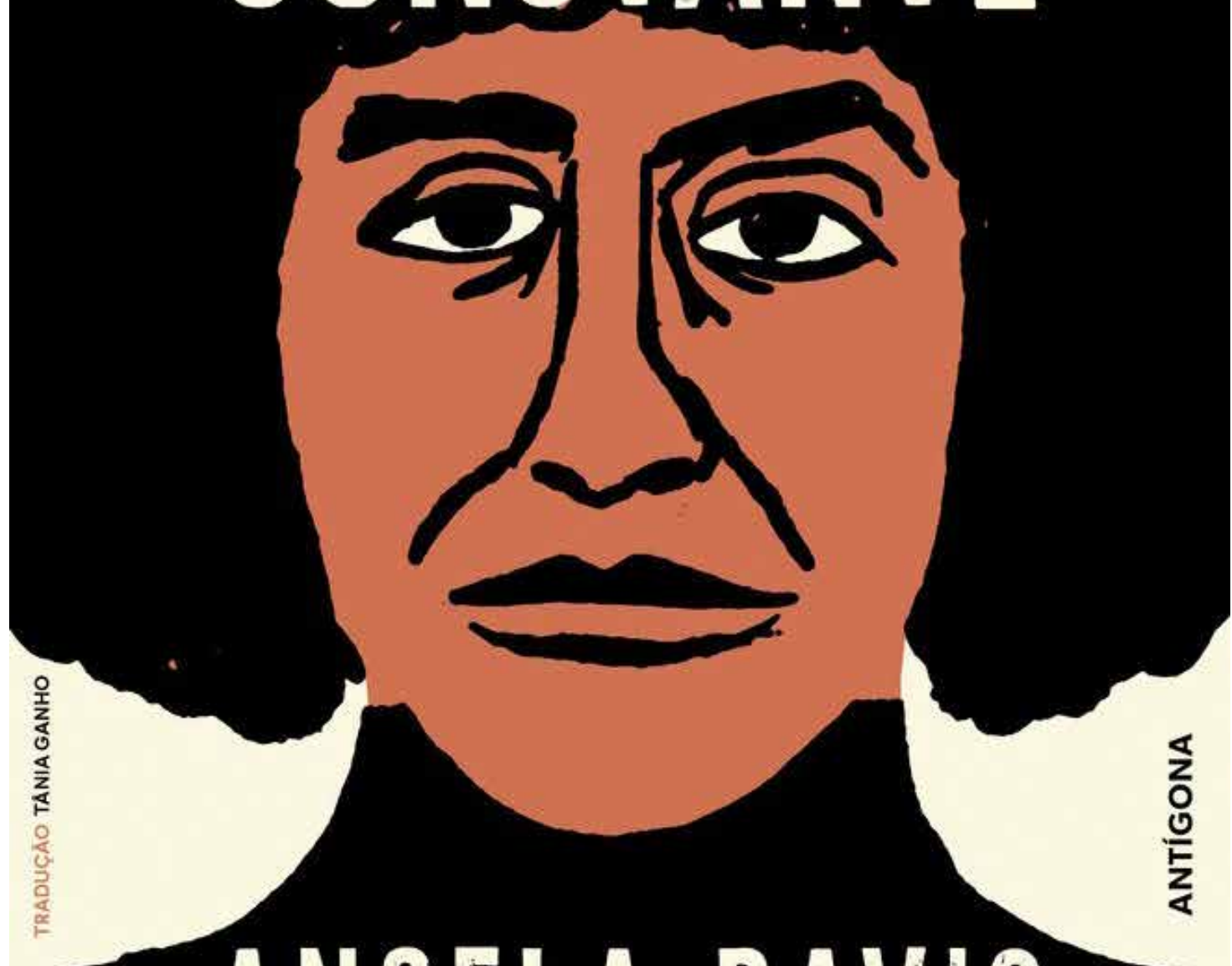
Indexada na lista dos *10 Fugitivos Mais Procurados pelo FBI*, a ativista pelos direitos humanos e professora de filosofia na Universidade da Califórnia esteve presa durante alguns meses, dando origem a uma campanha internacional pela sua libertação. Houve recolhas de fundos para pagar as despesas do processo judicial, cartazes e manifestações em diferentes lugares dos EUA e do mundo, uma canção de John Lennon e Yoko Ono, «Angela», a colocar no espaço público o nome da ativista presa. Em 1971, o julgamento deixou clara a impossibilidade de provar qualquer envolvimento no crime e Angela Davis foi libertada e declarada inocente. Sem o desejarem, o FBI e o governo dos EUA tinham internacionalizado Angela Davis, ajudando a espalhar as suas ideias pelo mundo.

O incómodo provocado pelas intervenções públicas e pelo pensamento da autora junto das autoridades norte-americanas há muito se fazia sentir. O facto de ter integrado os Panteras Negras e de ser militante do Partido Comunista fizeram dela um alvo preferencial numa altura em que a Guerra do Vietname

motivava turbulências várias na sociedade, em que a memória do McCartismo ainda perdurava de modo vívido, em que a luta pelos direitos civis colocava o país frente a frente com os seus próprios fantasmas racistas e esclavagistas e em que a defesa de igualdade de direitos para as mulheres era uma ameaça a um *status quo* que se tentava desesperadamente – e sem sucesso – agarrar-se às visões de um passado onde as mulheres pertenciam ao marido, à casa, ao cuidado dos filhos e a nada mais. Talvez esse incómodo se devesse igualmente a uma visão acutilante das relações sociais, económicas e de poder. Angela Davis lutava pelos direitos dos negros, das mulheres, dos mais desfavorecidos, mas sobretudo lutava por perceber a influência mútua que as diferentes opressões exerciam sobre as pessoas, num processo que foi ganhando contornos cada vez mais intensos e clarividentes, formando uma visão do mundo que recusava a simples exigência de direitos concretos para este ou aquele grupo e punha em causa as estruturas que organizavam toda a sociedade.

Em Portugal, a Antígona acaba de publicar o livro *A Liberdade É Uma Luta Constante* (com tradução de Tânia Ganho), volume que reúne entrevistas e discursos de Davis proferidos nos últimos anos. Racismo e feminismo são temas transversais, mas nas suas interações mais recentes, Davis dedica-se a denunciar a luta palestiniana pelo reconhecimento de um estado próprio (e pelo fim da ocupação), a refletir sobre o movimento Occupy e as sementes que terá deixado para lutas futuras, a expôr os negócios e os relacionamentos pouco claros entre o sistema prisional, o racismo,

**A LIBERDADE  
É UMA LUTA  
CONSTANTE**



TRADUÇÃO TÂNIA GANHÓ

ANTÍGONA

**ANGELA DAVIS**

a privatização da segurança e o domínio quase monopolista que uma empresa como a G4S, com prisões privadas nos Estados Unidos da América e no Reino Unido, fornecimento de treino a polícias militares de vários países, imunidade mundial quanto à aplicação securitária e violenta de medidas não previstas nas constituições ou leis gerais. Há temas, argumentos e afirmações que se repetem, o que se explica pelo carácter de mosaico deste livro, juntando intervenções feitas em diferentes lugares. Apesar disso, o mais recente livro de Angela Davis é uma inquietação constante, colocando-nos perante a necessidade de questionar o modo como coletivamente vivemos. E ainda que Davis seja uma figura que imediatamente se associa aos movimentos políticos das décadas de 70 e 80 do século passado, sobretudo à luta antirracista e pelo feminismo, o que se constata neste *A Liberdade É Uma Luta Constante* é atualidade do pensamento da autora, não necessariamente no sentido de assumir que aquilo que disse, escreveu e pelo qual lutou há décadas se mantém atual (essa assunção dependerá, claro, da mundividência política e ideológica de quem lê), mas no sentido de continuar a pensar sobre as lutas do presente (e a envolver-se nelas), estabelecendo nexos com o passado, mas debatendo a atualidade sem as baias de visões obsoletas ou desligadas dos motores que, hoje, impulsionam os movimentos sociais e políticos.

A leitura de *A Liberdade É Uma Luta Constante* ganha significados mais amplos quando se regressa a outros livros de Angela Davis, nomeadamente à sua obra mais conhecida.



*Mulheres, Raça e Classe* também está traduzido em português, numa edição brasileira da Boitempo Editorial (tradução de Heci Regina Candiani), e foi originalmente publicado em 1981. Neste livro, a autora começa por percorrer a história da escravidão nos Estados Unidos da América, sempre convocando um contexto mais amplo – o do tráfico de pessoas escravizadas entre África, Europa e as Américas e a sua relação com os colonialismos – e traçando as raízes da opressão e da tomada de consciência que foram motivando movimentos de resistência ao longo dos séculos.

O que Angela Davis nunca faz é limitar a visão da escravidão a uma questão de racismo e de crença na superioridade das pessoas brancas. Não é que essa visão não tenha sido uma das bases do processo, mas isolá-la de todas as outras relações de poder, estruturas sociais e opressões é historicamente redutor e, para a autora, claramente um modo de não permitir questionamentos sociais mais relevantes. No capítulo intitulado «O movimento antiescravagista e a origem dos direitos das mulheres», Davis traça as influências mútuas de duas lutas por direitos humanos e, mais do que isso, defende que a sua criação está mutuamente imbricada, sendo impossível separar as origens e o desenvolvimento de cada um dos movimentos, sob pena de se perder a compreensão sobre o seu significado e alcance: «Em 1831, ano da rebelião de Nat Turner, nasceu o movimento abolicionista organizado. O início da década foi também de greves e paralisações nas fábricas têxteis do Nordeste do país, operadas em grande parte por mulheres jovens e crianças. Na mesma época, mulheres brancas de origem mais



ANGELA

DAVIS

—MULHERES, RAÇA E CLASSE—

abastada começavam a lutar pelo direito à educação e por uma carreira fora de casa.» Mais adiante, no mesmo capítulo, a autora ilustra a sua tese: «Em 1833, quando a Sociedade Antiescravagista Feminina de Filadélfia foi criada, na esteira da convenção de fundação da Sociedade Antiescravagista Estadunidense, o número de mulheres brancas simpatizantes à causa da população negra era suficiente para estabelecer o vínculo entre os dois grupos oprimidos.» O resultado foi uma «poderosa aliança entre a já estabelecida luta pela libertação negra e a embrionária batalha pelos direitos das mulheres.»

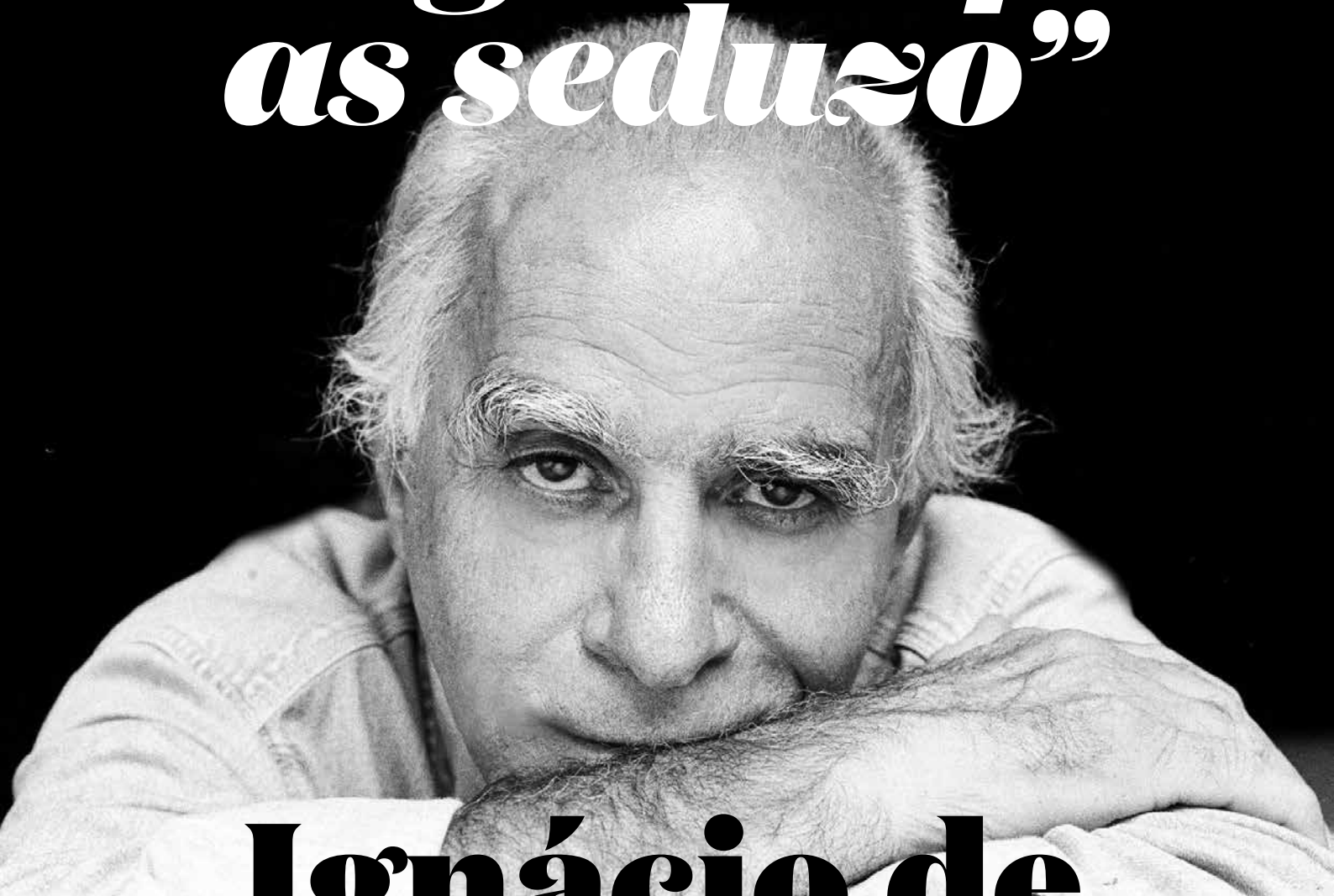
Esta leitura das relações intrínsecas entre os dois movimentos deu a Angela Davis um ângulo que foi sendo ampliado, pensado e adaptado ao passar das décadas. Não espanta, por isso, que a sua defesa da interseccionalidade seja, ainda hoje, tão veemente. Tanto em *Mulheres, Raça e Classe* como nos textos dispersos que compõem o recente *A Liberdade É Uma Luta Constante*, dois livros separados por mais de três décadas, Davis mantêm sempre presente esse foco, cruzando temas, lutas, geografias e heranças opressivas. Num dos textos que integram o livro agora publicado pela Antígona, uma entrevista de dezembro de 2014, Frank Barat, o entrevistador, questiona Angela Davis sobre qual terá sido a mais importante mudança na política negra desde o fim do movimento pelos direitos civis. Resposta da autora: «Eu diria que a interligação dos movimentos antirracistas com o género é crucial, mas também precisamos de os ligar com a classe, a nacionalidade e a etnia.»

Esta coerência que acompanha o pensamento de Angela Davis ao longo das décadas permite-lhe ir acrescentando novos



elementos às suas teses à medida que novos movimentos sociais eclodem, que novos temas, exigências e modos de opressão ou discriminação vão surgindo. E é uma coerência que não torna rígidas as leituras que faz da sociedade. Pelo contrário, há uma ausência de ilusão de pureza moral que é louvável, concorde-se ou não com o ponto de vista político da autora, e nessa ausência assume-se um dos mais básicos traços de pensamento e comportamento dos seres humanos, o de sermos todos feitos de muitas contradições: «E deixem-me dizer também a quem se opõe à Lei DREAM por oferecer um caminho para a cidadania às pessoas que estão nas Forças Armadas: uma vez mais, podemos opor-nos aos militares e, ao mesmo tempo, apoiar a Lei DREAM. Da mesma maneira que podemos apoiar os direitos dos gays nas Forças Armadas e, ao mesmo tempo, dizer que queremos desmantelar o Pentágono.» Na obra de Angela Davis, mais importante do que olhares monolíticos é essa capacidade de ir pensando, questionando e definindo escolhas à medida que aprendemos. Ler este último livro, *A Liberdade É Uma Luta Constante*, e perceber que Davis continua a desafiar-se a ela própria e ao seu pensamento ao fim de décadas de ativismo é revelador da importância do seu contributo para nos entendermos com o século XX e os seus ecos neste XXI.

*“A escrita me ajuda a seduzir pessoas, ou imaginar que as seduzo”*



**Ignácio de  
Loyola Brandão**

*Wagner Merije*

# *ignácio de loyola brandão*

Em meio à complexidade do mundo que habitamos, complexidade esta geradora de muitas questões para continuadas pesquisas e conversas, fenômenos traumáticos como ditaduras, guerras e epidemias de doenças vão levando a humanidade a perceber suas fraquezas e equívocos.

Com 84 anos recém completados, o escritor e jornalista brasileiro Ignácio de Loyola Brandão é conhecido por tocar nestas e outras feridas em alguns de seus títulos mais conhecidos, como *Zero* (1975), *Não verás país nenhum* (1981) e *Desta terra nada vai sobrar, a não ser o vento que sopra sobre ela* (2018). Em comum, estes trabalhos apresentam cenários onde a natureza foi devastada, a violência tornou-se banal, a morte ceifa vidas sem controle e grupos políticos tomam o poder pelo poder, implementando governos autoritários e genocidas. São retratos de um mundo em decomposição acelerada, onde o Brasil é visto com olhos alarmados.

Ignácio de Loyola Brandão nasceu em Araraquara, interior de São Paulo, no dia 31 de julho de 1936. Aos 16 anos começou a colaborar com críticas cinematográficas para um pequeno jornal local, o que despertou nele a vontade de ser jornalista. Desde então colaborou com grandes títulos da imprensa brasileira, tendo tido a oportunidade de trabalhar em países como Itália e Alemanha.

A sua carreira literária teve início em 1965 com a publicação de *Dentes ao Sol*, que reúne histórias passadas na noite paulistana dos anos 60. De lá para cá publicou mais de quarenta obras, entre romances, contos, crônicas, livros infantojuvenis, viagens,

## *ignácio de loyola brandão*

biografias e peças de teatro, que foram traduzidas em vários idiomas e distinguidas com diversos prémios.

Com toda essa bagagem, Brandão foi eleito em 2019 por unanimidade para a Academia Brasileira de Letras. Na ocasião de sua posse, foi brindado por Marco Lucchesi, presidente da ABL, como um «um escritor puro-sangue, radical. Sua obra, consagrada no Brasil e no exterior, traz um misto de alta cultura e ironia, olhar incisivo e viés experimental».

Antes, neste mesmo ano, ele participou da 20.<sup>a</sup> edição do Correntes d'Escritas e, numa mesa com o mote «Não nos podemos calar», debateu com Pilar del Río, com mediação de Valter Hugo Mãe, várias questões da literatura e da sociedade em que vivemos, com grande repercussão entre o público presente.

Enfurecido com os rumos da política em sua terra natal, o escritor chegou a publicar este ano num grande jornal brasileiro crónicas com títulos como «Se eu morrer, saibam quem me matou», «Chega, presidente. Abra o jogo», entre outros petardos dignos que quem já viveu muito e sabe dos riscos de irmos todos para o abismo.

Num Brasil assolado pela Covid-19 e (des)governado por Bolsonaro, Ignácio de Loyola Brandão concedeu-nos esta entrevista inédita, em que tópicos como literatura, imaginação, distopia, pandemia, justiça, Kafka, Gunther Grass, Juan Rulfo, Hemingway, José Saramago, entre outros, são discutidos à luz de sua inteligência feroz e irónica. A verdade é que Brandão problematiza na sua literatura e nos seus textos jornalísticos questões sobre a sociedade



## *ignácio de loyola brandão*

que precisam ser compreendidas e debatidas, caso contrário o apocalipse que se anuncia será mesmo terrível.

*Wagner Merije — Você pensa que algumas das doenças que matam as pessoas em Não verás país nenhum já podia ser o corona vírus?*

Ignácio de Loyola Brandão — As doenças que citei em *Não verás...* eram oriundas, pelo que li nos mais diversos órgãos, científicos e não, do aquecimento global e de problemas sanitários, que existem ainda hoje. Fiz enorme arquivo de artigos, noticiários etc. em torno de devastação de florestas, aumento da temperatura, descongelamento dos polos, poluição da atmosfera, hidrologia, buraco de ozônio da atmosfera. Ainda hoje, mais de 60% da população não tem água encanada e tratamento de esgotos. Recentemente o presidente Bolsonaro respondeu, naquele seu modo grosseiro: «O povo que cague dia sim, dia não, e a questão está resolvida.» Uma das moléstias eram negros que perdiam a cor, tornavam-se albinos, morriam rapidamente. Pesquisei, soube que eram ocasionadas pelo sol cada vez mais violento. O livro demandou quatro anos de buscas, pesquisas em livros, notícias de jornal e revistas como *Pesquisas Fapesp*. No mais exagerei, uma vez que sou ficcionista.

*Qual sua leitura desta pandemia de corona vírus?*

O mundo sempre foi assolado por pragas e epidemias. A corrupção para mim também é pandemia. Veja que, agora, com o corona vírus, muitos prefeitos e secretários de saúde (no Brasil) compraram medicamentos e aparelhos levando grandes propinas.

## *ignácio de loyola brandão*

Isso é mais do que crime! A Covid-19 é mais uma das epidemias que, de tempos em tempos, assolam a humanidade. Curioso que, à medida que a ciência evolui, as epidemias redobram de vigor e devastação. Grave, porque neste Brasil a saúde sempre foi relegada à última necessidade, daí estarmos onde estamos. E por um presidente que diz ser uma gripezinha inofensiva. Faz dois meses que não temos Ministro da Saúde. No lugar está um general em vias de se aposentar e que esteve a vida inteira fazendo nada dentro de um quartel.

*Em um trecho de Não verás... você escreve «televisão vigiada pelo governo». Algum diálogo com o Orwell de 1984?*

Se você quiser, é. Eu só escrevi. Publicado, o livro é do leitor, do crítico, do ensaísta. E é o que você acha que é, na sua cabeça. Na verdade, eu me referia à censura que ainda se abatia sobre os meios de comunicação imposta pela ditadura em seus estertores.

*O que você acha do roteirista da vida real?*

Tem imaginação, criatividade, suficiente loucura e tirocínio para inventar o que inventa.

*Em outro trecho do livro se lê: «Cheiro nauseabundo, uma sociedade rodeada de cadáveres, de lixo, bosta, cheira mal»: você achou que ia viver em um lugar assim? Estamos longe?*

Longe? Estamos dentro dessa atmosfera, imersos, com alguns pontos higienizados onde mora a elite, os ricos deste Brasil. Vá ao Maranhão, ao Amazonas, às favelas (hoje comunidades) de várias capitais brasileiras e olhe o ambiente tenebroso.

# *ignácio de loyola brandão*

*A realidade é mais absurda do que o próprio absurdo?*

Sigo — e digo isto dentro do *Desta terra...* : a visão é hoje a mesma que Euclides da Cunha avaliou em *Os Sertões*: “A anormalidade é o normal hoje.”

*Qual a influência da distopia na sua escrita?*

Deixo isto para ser respondido pelos críticos, teóricos, ensaístas, interpretadores. Se fosse me meter a analisar meus livros, não escreveria. Isto é tarefa para vocês acadêmicos. Mas desde criança adorei me soltar. Uma redação que fiz aos oito anos mostrava uma girafa com um pescoço de 200 metros. A professora Lourdes Prado me deu 100 — o máximo — o que provocou a interpelação de outro aluno: «Ignácio tirou 100, mas escreveu uma mentira.» Lourdes corrigiu: «Não foi mentira, foi imaginação, fantasia.» O aluno então voltou à carga: «E o que fazemos com a fantasia?» Lourdes encerrou a conversa: «Ela nos ajuda a suportar a vida.» Não por acaso, ela conversou com uma tia, minha madrinha, sobre esse episódio. Quando fiz 10 anos ganhei *Alice No País das Maravilhas* e depois *Alice no País dos Espelhos*. Logo depois meu pai me deu *Peter Pan*, e conheci a Terra do Nunca, li mais de dez vezes. Depois, *Gulliver*. E assisti *O Mágico de Oz*. No ginásio, na adolescência, tivemos de ler a *Odisseia*. Por fora, li a saga do Rei Artur e sua Távola, os contos de fadas (ainda leio), a existência de gnomos, bruxas e feiticeiras, varinhas de condão e tudo de Monteiro Lobato, e o pó de Pirlimpipim e *O Mundo Perdido* de Conan Doyle.

## *ignácio de loyola brandão*

*Como se dá a trama da distopia na literatura no seu ponto de vista?*

Enlouquecendo o tempo inteiro, vivendo o desvario, despreocupado do que é real, normal, corriqueiro, inverosímil. Vivemos o realismo mágico pregado por Pauwells e Bergier em 1970 no *O Despertar dos Mágicos*. Ao escrever me solto inteiramente, elimino travas, o que não existe, invento, fantasio, crio. De qualquer modo, tem sempre um ponto de partida real, que transforma. Depois a vida real vem atrás de mim. A vida copia a arte. Absurdo? Quando Kafka escreveu *A Metamorfose* se pensasse em absurdo não faria um livro tão moderno no início do século passado. Um homem pode se transformar em um repulsivo inseto? Pode, se o autor quiser. Nosso poder é imenso, sem medidas.

*Você considera a distopia um subgênero ou um gênero literário?*

1984 é sub-gênero? E *Admirável Mundo Novo*? E a *Laranja Mecânica*? E *A Utopia*, de Thomas More? E a *Bíblia*? E *Fahrenheit 451*, do Bradnury? E *Lilliput*? A crítica e a academia insistem em rotular, taxar, como se fossem donos da verdade absoluta. Subgênero é literatura ruim.

*Além de distopia, qual uma outra palavra boa para descrever este tempo que estamos vivendo?*

*A Vida Cotidiana...*

*Como livros (experiências literárias) podem contribuir na construção de uma sociedade menos violenta, mais inclusiva e mais justa?*

# *ignácio de loyola brandão*

Talvez abrindo consciências, alargando as mentes, conseguindo conversões. Quem constrói uma sociedade menos violenta somos nós mesmos, com nossas ações, contestações, manifestações, batalhas no dia a dia. Com nossos votos, nossas constituições, nossa rebelião contra as injustiças e tiranias. Além de escrever, participar dos movimentos pela justiça e contra preconceitos e racismos e tudo o mais.

*Qual era sua proposta para o mundo quando lançou Não verás país nenhum? E qual era a proposta quando lançou Desta terra nada vai sobrar, a não ser o vento que sopra sobre ela?*

Escrever um livro interessante, gostoso de ler, que assustasse. Que despertasse consciências, que pusesse medo. Várias organizações ambientais, principalmente de estudantes, surgiram a partir do livro.

*Por quê você escreve? Para quê você escreve?*

Porque gosto, me diverte, me dá prazer, me alivia, me tira ansiedade, me acalma, resolve meus problemas interiores etc. Porque tenho necessidade, como droga, alcoolismo. Sem escrever fico no vazio. É igualmente uma função fisiológica. Se não escrevesse ia me drogar, beber, virar sem teto, acho que até matar gente. Se não escrevesse queria planejar turbinas de aviões a jato. Ou pular amarelinha. Não imagino minha vida sem escrita. Ela me ajuda a ter certa segurança, a seduzir pessoas. Ou imaginar que as seduzo.

*Olhando para sua trajetória, o que foi mais importante para você chegar até a Academia Brasileira de Letras (ABL)?*

## *ignácio de loyola brandão*

Escrever, viajar pelo Brasil falando em todos os estados, tentando formar leitores, buscando compreender a terra em que vivo, o homem brasileiro, a desigualdade, as injustiças. Viajar mundo, conhecer pessoas interessantes, viver momentos de emoção. Como em 1982, quando estive em Berlim, na Biblioteca da cidade, para ver e ouvir Gunther Grass e Juan Rulfo, dois monstros. Rulfo estava com 65 anos e Grass com 55. Na hora da leitura dos textos, Rulfo procurou pelos bolsos e descobriu que tinha esquecido os óculos. Impasse por uns momentos. Então, Grass tirou os óculos dele, estendeu ao colega: «Veja se servem». Rulfo experimentou, serviram, perfeitos. Um lia e passava os óculos ao outro, nós na plateia ríamos e aplaudíamos. Foi um instante iluminado em minha vida. Grass ganhou o Nobel em 1999. A minha vida é uma soma de pequenos fatos, momentos, vivências, nada mais.

*Agora que está na ABL, onde mais gostaria de chegar com sua escrita?*

Entende bem esta resposta: que me ajudasse a chegar próximo, mas bem próximo de Juliette Binoche... fazendo bem o que sempre tenho feito.

*Kafka e Hemingway, Graciliano Ramos e Érico Veríssimo, são suas maiores influências na literatura? Por quê e em que nível se dá estas identificações?*

De cada um, arranquei uma lição de vida, de linguagem, de motivo para escrever, de busca de um estilo e uma linguagem.

## *ignácio de loyola brandão*

Nunca esqueço um conselho de Hemingway a um jovem americano que queria escrever: «Escreva como se tivesse que mandar um telegrama internacional pago do seu próprio bolso.» Hoje nem existem mais tais telegramas, um e-mail chega ao destino em dois segundos, e você paga nada. Naquele tempo, cada palavra era um custo alto, portanto o jeito era economizar. Mas devo citar ainda José Cardoso Pires, Stendhal, Cesare Pavese, Celine, Camus, Oswald de Andrade, Raymond Chandler. Cada um me deu ao longo destes 84 anos de vida um naco de boa carne.

*Cite três livros dentre os que mais te marcaram até hoje e por quê.*

*O Vermelho e o Negro*, de Stendhal. A angústia de ter que decidir a vida e a vida decidindo por nós. *O Som e a Fúria*, de Faulkner pela ousadia da linguagem. Parte do livro é narrada por um débil mental. *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, pela economia, síntese, precisão, perfeita escolha de palavras e construção do clima, da atmosfera. Gostaria de atingir a secura de Graciliano, com poesia e impacto.

*Você conheceu bem José Saramago?*

Bem mesmo, talvez somente Pilar, sua mulher, o tenha conhecido.

*Como foi seu relacionamento com José Saramago?*

Contatos frequentes e casuais no Brasil e no exterior ao longo de uns 40 anos. Sério, comedido, implacável, preciso, divertido. Trocámos também cartas. Alguns anos atrás, Pilar e eu fizemos

## *ignácio de loyola brandão*

uma abertura das Correntes d'Escritas na Póvoa de Varzim, Portugal, mediado por Valter Hugo Mãe. E ela me disse como me conheceu: «Eu olhava a estante de meu marido e via um cantinho com muitos livros de um autor brasileiro. Quem será este? Vez ou outra chegava um novo volume. Um dia, me aproximei bem e vi que os livros eram de um brasileiro, o Brandão, ao qual José era afeiçoado.» Quanto a mim, estava em Georgetown, EUA, certa vez, em um encontro de escritores e autores de língua portuguesa e professores americanos que lecionavam língua e literatura portuguesa. A certa altura, me afastei, fui tomar um café, e Saramago se aproximou, já era tido como o grande de nossa língua. Ao vê-lo, tímido e discreto, cumprimentei-o e ele abriu um sorriso: «Veja só, o autor de *Não Veras País Nenhum*. Belo livro.» Me ganhou na hora, para sempre. Outra vez, estava em Hamburgo em uma casa de cultura, e Saramago fez uma leitura. Eu estava ao lado de Ray-Güde Mertin, agente dele e minha tradutora. Ao final, um professor alemão passou por nós e disse a Ray: «Estamos diante de um futuro Prémio Nobel.» Poucos anos depois, ele ganhou o prémio.

*Há algum diálogo entre sua obra e a Saramago?*

Esta é a sua parte, caro amigo. Descobrir isto. Descubra, por favor, descubra.

*Como é sua relação com Portugal e com o Portugal literário?*

Tenho grandes amigos, leais como Lídia Jorge, Valter Hugo Mãe, Almeida Faria, Inês Pedrosa, Manuel Alberto Valente,



## *ignácio de loyola brandão*

Teolinda Gersão, Gonçalo Tavares, Rui Zink, Onésimo de Almeida, Filipa Martins. Fiz amizade sólida com José Carlos Vasconcelos, o editor do *Jornal de Letras*, e tive a sorte de conhecer e jantar com Eduardo Lourenço, que me deu seu livro *O Canto do Signo*, que leio aos poucos, encantado com seu estilo e maneira de ver literatura e mundo. Conheci certa vez Cardoso Pires, adorei *O Delfim*. Anos mais tarde fiz o prefácio da edição brasileira de seu livro *De Profundis, A Valsa Lenta*. Nós dois vivemos um momento tenso na vida, no limite da morte. Ele contou isso neste *De Profundis*, eu em *Veia Bailarina*. A angústia nos uniu. Lamentavelmente Pires se foi.

*Como democrata que você já disse que é, como vê a democracia no mundo atual?*

Mal no Brasil, na Venezuela, nos Estados Unidos, na Hungria, na Rússia e também na...

*O que Bolsonaro (e outros políticos de perfis parecidos) representam para o mundo de ontem, de hoje e do futuro?*

Ameaça à liberdade, à liberdade de expressão, à democracia. Significam totalitarismo, violência.

*Wagner Merije (Wagner Rodrigues Araújo) é jornalista, escritor, editor e frequenta o doutoramento em Literatura de Língua Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. O título de sua investigação é “José Saramago e Ignácio de Loyola Brandão: distopias em língua portuguesa”.*

*era  
umma  
ces*

*sandra  
lorenzano*

*Há quem não goste de ler, mas nunca encontrei  
uma pessoa que não goste que lhe contem histórias*

Aidan Chambers

Era uma vez... Había una vez... Once upon a time... Il y était une fois... C'era una volta... Te'n ja mējjä'äytējk myatya'akt (Assim nos contam os mais velhos)...

Seja em português, espanhol, francês, inglês, mixe\* ou qualquer outra língua, a expectativa que este começo gera é a mesma. Toda a atenção se concentra nas palavras de quem narra. Elas abrem o baú das surpresas, o universo completo ao assombro, à magia. A Comala e a Macondo, às cidades invisíveis e ao centro da Terra, a uma cabana na América escravagista e ao porão de uma velha casa da rua Garay, ao Saara num avião ou aos frutos dourados do sol.

Quem não gosta que lhe contem uma história? Os gregos, quando Homero falava das aventuras de Ulisses, gostavam; assim como gostavam os castelhanos que acompanhavam as peripécias de Ruy Díaz de Vivar, e àqueles que escutavam os bardos da praça Jema-el-Fna em Marraqueche; às nossas avós, que não perdiam um só capítulo das rádio-novelas ou do Glostora Tango Club \*\*; às mulheres que vão lavar roupa no rio, como no começo desse adorável filme de Almodôvar, chamado *Dor e Glória*; aos jovens que escutam os conselhos dos mais velhos da aldeia à beira do lago de Pátzcuaro \*\*\*; a todos os meninos e meninas do mundo antes de dormir. A vocês, e a mim. Quem não gosta?

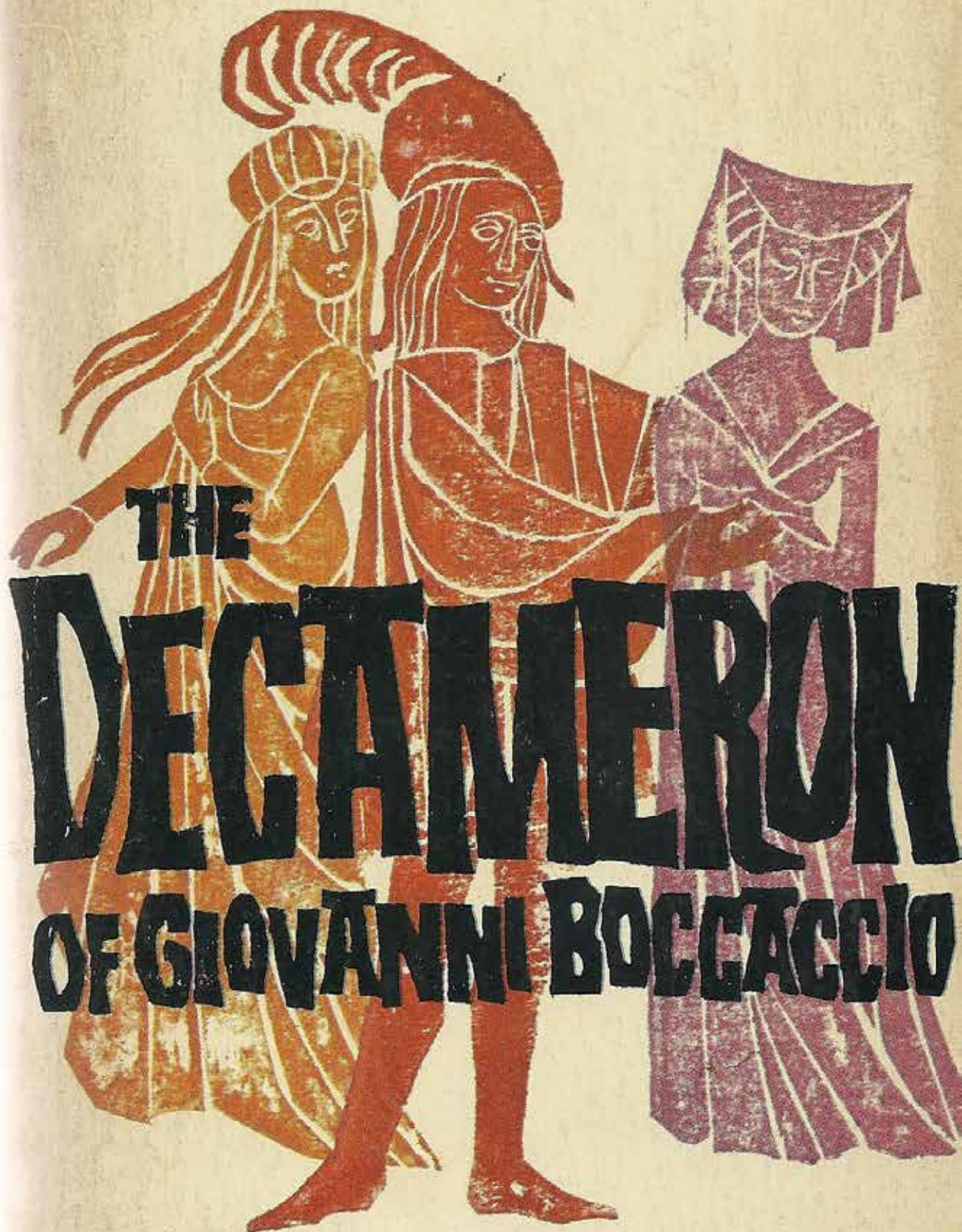
DELL

1866

95c

A LAUREL  EDITION

*the world famous tales of amorous adventure*



**THE  
DECAMERON  
OF GIOVANNI BOCCACCIO**

*Complete, unexpurgated translation by Richard Aldington*


Gostavam de ouvir histórias as sete raparigas e os sete rapazes reunidos por Bocaccio numa vila próxima da cidade de Florença, durante a peste bubónica de meados do século XIV, onde não só se protegem do contágio mas onde se fazem acompanhar dos deliciosos relatos que o autor reunirá em *Decamerón*. Cem contos atravessados pelo erotismo, a picardia, a inteligência e uma crítica humanista à sociedade da época. Nove deles transformaram-se num dos filmes mais deliciosos – sem deixar de ser político – de Pier Paolo Pasolini. Um filme que vi aos 17 anos entre o fumo dos cigarros que fumávamos sem parar e a vontade de abocanhar o mundo. Queria aprendê-lo todo, conhecê-lo todo, discuti-lo todo, desarmá-lo e voltar a armá-lo inteiro. Nunca voltei a ver o filme mas até hoje lembro-me dele quase todo. Quebra-se algo dentro de nós quando nos aproximamos desse momento que, de forma tão bela, descreveu Paul Nizan? «Tinha vinte anos. Não permitirei que ninguém diga que essa é a idade mais bela da vida.»

Também gostavam de histórias aqueles tão jovens poetas britânicos que planearam umas férias na Suíça, à beira do lago Lemano, sem imaginar que o verão que pretendiam desfrutar nunca chegaria (estou a parafrasear o título do maravilhoso romance que ficciona este episódio: «O ano do verão que nunca chegou»). A erupção de um vulcão perto de Bali cobriu de cinzas os céus de grande parte do mundo. Em Vila Diodati, Lord Byron, Percy B. Shelley, a sua namorada Mary e a irmã, Claire, e o médico John William Polidori, entretinham-se compartilhando leituras, histórias e flirts. Numa noite especialmente fria de junho de 1816, Byron propôs que cada um deles escrevesse o seu próprio conto

**JOSÉ MAURO de VASCONCELOS**



**O  
MEU  
PÉ  
de LARANJA LIMA**

Edições Melhoramentos 

de terror. Ele mesmo e Shelley eram os mais prestigiados poetas da época; no entanto, a obra criada naquela noite e que perdurou foi a da jovem Mary, de apenas 19 anos, filha da filósofa feminista Mary Wollstoncraft e do filósofo político William Godwin. Claro que estou falando de *Frankenstein*, considerado uma das primeiras obras de ficção científica da história da literatura.

Os relatos fazem-nos sentir acompanhados, ajudam-nos a enfrentar os medos, ensinam-nos a entender os demais, fazem-nos rir, apaixonar ou tremer de emoção. As palavras escutadas, as palavras lidas, as canções, os filmes, passam a fazer parte da nossa própria vida, da nossa própria memória. Essas histórias são nossas, tanta como as que vivemos “na realidade”.

Ainda que, nestas épocas de pandemia e virtualidades, saibamos o que é isso da “realidade”. O certo é que eu fortaleci a minha paixão pelas histórias. Suspeito que com muitos vocês aconteceu o mesmo, ou engano-me?

Domei a angústia do confinamento e a distância dos seres queridos, refugiando-me no trabalho (com a certeza de que é um privilégio tê-lo nestes momentos) e nos livros. De maneira que me lancei de cabeça a ler romances, com a mesma emoção com que, aos dez anos, trepava nos ramos do damasco que havia em casa para devorar as aventuras de Jo March ou de D’Artagnan. Até voltei a alguns clássicos da minha infância como *Meu pé de laranja lima* ou *Sandokan* (“Sou o puto de ontem”, diz derrotado o papá de Mafalda quando a miúda e os seus amiguinhos lhe perguntam «San o quê??»). É verdade, somos os miúdos de ontem, Quino).

As horas submersas nos livros estão a dar-me alguns dos

MARY WOLLSTONECRAFT SHELLEY'S  
**FRANKENSTEIN**



illustrated by  
**BERNI WRIGHTSON**

introduction by **STEPHEN KING**



melhores momentos desta quarentena que já se parece com o conto que nunca se acaba («Querem que vos conte o conto do bom cachimbo?»).

A sorte e a recomendação da querida Claudia Piñeiro fizeram com que chegasse às minhas mãos *Outra vida por viver*, de Theodor Kallifatides, na impecável tradução de Selma Ancira. Dir-vos-ei com a maior simplicidade possível, não é preciso mais: é uma joia.

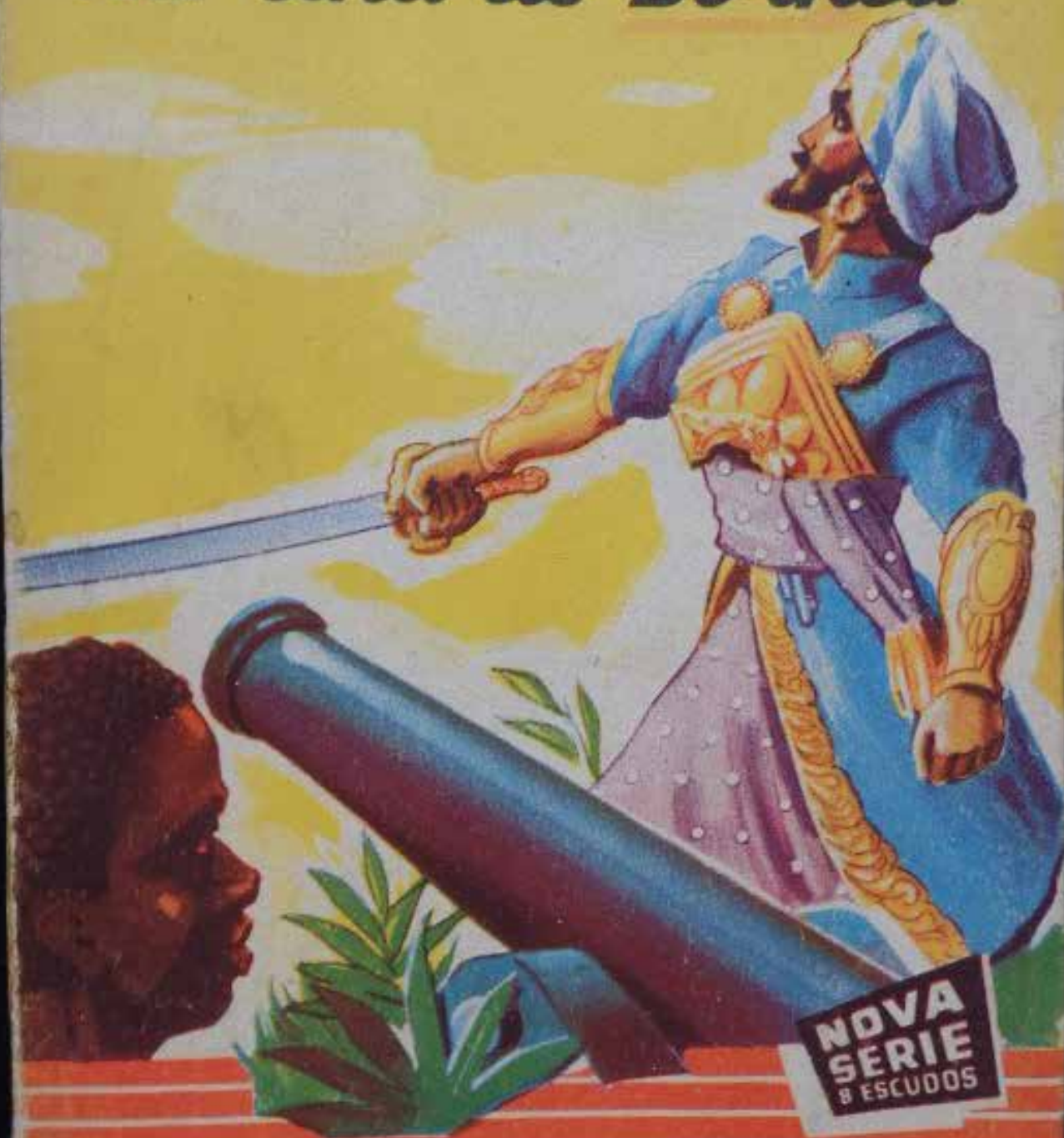
Grego nascido em 1938, Kallifatides emigrou para a Suécia em 1964 e lá escreveu mais de 40 livros de ficção, ensaios e poemas, convertendo-se num dos autores de maior prestígio daquele país. Até há um mês eu não tinha ideia da existência desse autor (que pena que as suas obras não se traduzam com mais frequência). Hoje ele se tornou um dos meus autores favoritos.

É tudo culpa do seu maravilhoso livro autobiográfico. Mas começo pelo princípio: aos setenta e cinco anos, Kallifatides sente, pela primeira vez, que o bloqueio que está a viver relativamente à escrita pode não ser uma coisa passageira – possibilidade que, é claro, lhe gera uma grande angústia. *Outra vida por viver* são as reflexões que surgem a partir dessa angústia, desse medo, salpicadas de deliciosas anedotas, divertidas, inteligentes, sobre ser um grego na Suécia, sobre a língua da escrita, sobre a vida amorosa. Há episódios graciosíssimos como a sua complicada relação com Ingmar Bergman. Ou comoventes, como a morte de um querido amigo na Grécia e a distância que impede a partilha do luto. Muitas reflexões sobre o exílio e as migrações, os amores, as raízes, as lealdades, o desamparo, a liberdade... tão próximas de mim se fazem as suas páginas! Páginas de uma beleza e uma

COLEÇÃO SALGARI

# SANDOKAN

*na ilha de Borneu*



NOVA  
SERIE  
8 ESCUDOS

EDICAO ROMANO TORRES

profundidade comovedoras. Em muitas delas sublinhei várias linhas e fiz anotações. É deliciosa a sensação de conversar com um autor, não é?

*Quando sabes o que queres dizer podes dizê-lo em todas as línguas que conheces. Também podes guardar silêncio em todas as línguas que conheces. Mas, quando não tens nada a dizer, dizes melhor na tua língua materna.*

A crítica à maneira como os países escandinavos estão a permitir que o Neoliberalismo destrua as conquistas do estado de bem-estar é feroz. A empatia do migrante com aquele que foi arrancado da sua terra faz com que ele seja absolutamente sensível diante das novas desigualdades. Será a hora de voltar para casa? Mas qual é a casa de uma pessoa depois de mais de 50 anos num país que também ama? Onde está ela?

A emigração é uma espécie de suicídio parcial. Não morres, mas muitas coisas morrem por dentro de ti.

Finalmente ele viaja para a Grécia, com a sua mulher (*Na idade que tenho, é maravilhoso estar ao lado da companheira da vida toda*). A miséria que ali encontra provoca-lhe um grande; impossível permanecer indiferente.

A viagem tem como motivo estar presente numa homenagem que lhe dedicam os jovens de uma escola. Dois discursos breves e em seguida a representação de uma obra de Ésquilo.

*Entreguei-me às vozes dos jovens, às palavras de Ésquilo e a minha alma inchou de orgulho. Onde mais no mundo jovens representam Ésquilo? Onde mais?*

THEODOR  
KALLIFATIDES

BONNIER  
BOCKET

ÄNNU  
ETT  
LIV



## *era uma vez*

Ali, escutando a língua materna, recupera o sentido da sua própria escrita, da sua própria vida. Quando regressar à Suécia, saberá que já não é um imigrante: recuperou a sua revoada. Como um pássaro que se viu perdendo tempo no céu.

Por isso, talvez, o último parágrafo do livro comova tanto:

*E este livro, o primeiro que escrevo diretamente em grego depois de cinquenta anos, é o meu agradecimento tardio para eles (para os alunos e a sua professora) que me devolveram a minha língua, a única pátria que ainda me resta e a única que me magoaria. Não me honraram apenas, salvaram o que em mim ainda poderia ser salvo. Que importância tem em que lugar do mundo vivi?*

Kallifatides foi salvo por Ésquilo e pelos jovens, como nós também somos salvos pelos relatos, pelas histórias, pelo sabor da poesia e o sussurro da língua materna. É sobre isso que fala este livro. Sobre isso queria falar nestas páginas.

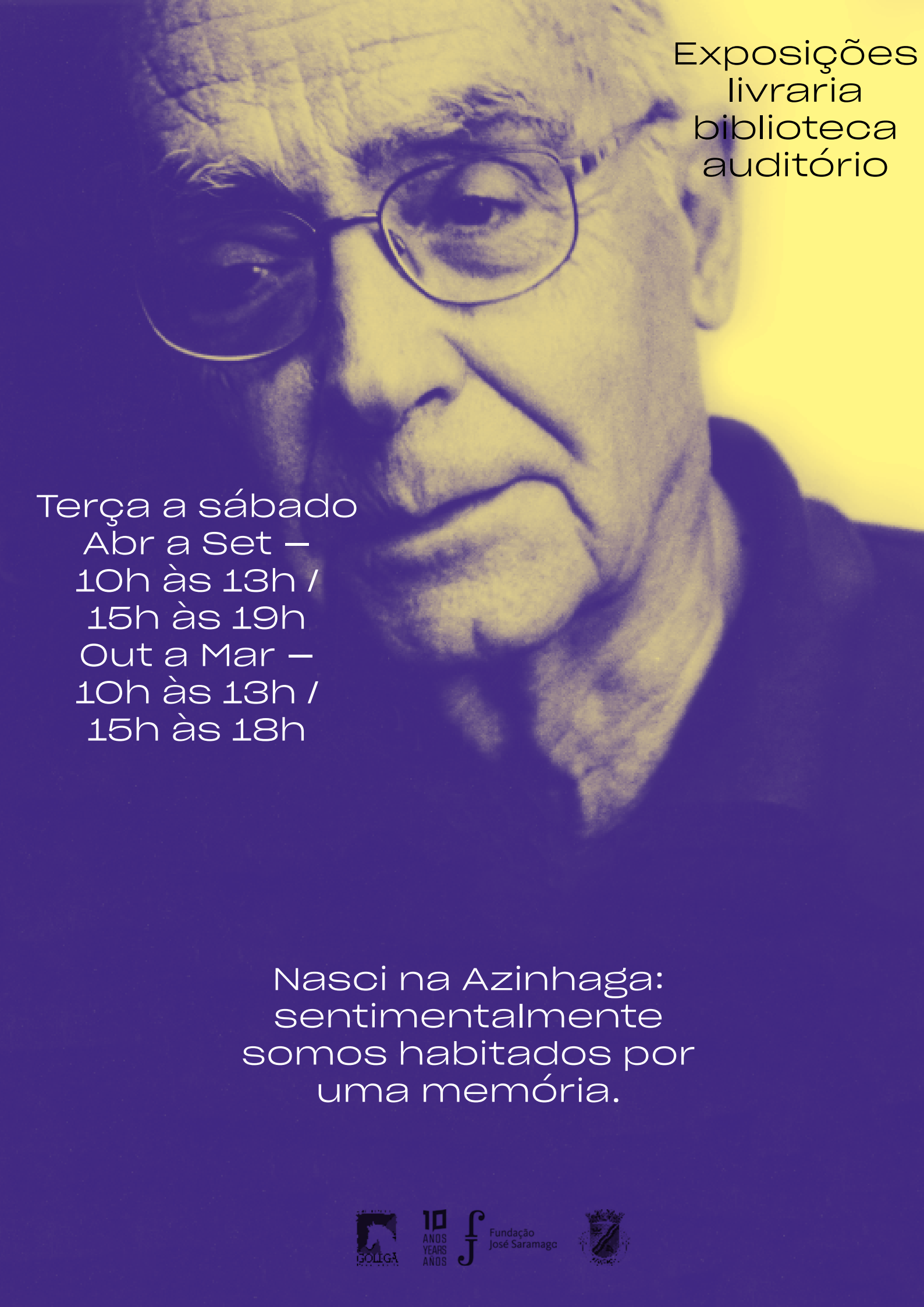
«Era uma vez», escrevi no início, de modo que agora o que me falta dizer é: «E com pó de perlimpimpim esta história chegou ao fim.»

Artigo publicado originalmente no jornal mexicano *Sinembargo*.

\* Língua falada na região de Oaxaca, no México

\*\* Famoso programa transmitido pela Rádio el Mundo, da Argentina, entre os anos 40 e 60

\*\*\*Município do Estado de Michoacán, no México

A close-up, black and white portrait of José Saramago, an elderly man with glasses, looking slightly to the right. The background is a soft, out-of-focus light.

Exposições  
livraria  
biblioteca  
auditório

Terça a sábado  
Abr a Set –  
10h às 13h /  
15h às 19h  
Out a Mar –  
10h às 13h /  
15h às 18h

Nasci na Azinhaga:  
sentimentalmente  
somos habitados por  
uma memória.



10  
ANOS  
YEARS  
ANOS



Fundação  
José Saramago





amigo de  
saramago

Seja amigo da Fundação  
José Saramago  
e desfrute  
das vantagens  
[www.josesaramago.org](http://www.josesaramago.org)

assine o  
**suplemento pernambuco**

*anual* — R\$ 60  
*bianual* — R\$ 100







CASA JOSÉ  
SARAMAGO

ÓBIDOS CITY OF LITERATURE

EM ÓBIDOS



Agora o Sócio Gerador  
vem com o cartão para  
a cultura portuguesa.

+ experiências  
+ descontos  
+ assinatura  
Revista Gerador

Sabe tudo em  
[gerador.eu/cartao-socio-gerador](http://gerador.eu/cartao-socio-gerador)

SA

NY

DY

BRITISH  
AND  
DREIA

**GA  
GE  
RO**

**LIBRI**

**O  
S  
O  
M  
D  
A**

**L  
I  
T  
E  
R  
A  
T  
U  
R  
A**

**I  
N  
F  
A  
N  
T  
O**

**J  
U  
V  
E  
N  
I  
L**

**LIBRI**

**PIÙ**

Quando Sandy Gageiro, jornalista da rádio pública, propôs a Luís Caetano um programa sobre literatura infantojuvenil, a ideia foi acolhida com entusiasmo. Passaram dez anos e nem os temas se esgotaram nem o entusiasmo desapareceu. *Lilliput* completa agora dez anos de emissão semanal ao sábado, no final do programa A Força das Coisas, pelas 18 horas.

«Já colecionava livros ilustrados antes de trabalhar profissionalmente com eles.», explica Sandy Gageiro à *Blimunda*. «Era uma área pela qual tinha interesse. Mas o rastilho foi a ida a Beja fazer a reportagem de uma edição das Palavras Andarilhas. Cheguei e não conhecia ninguém do meio. Nos dois dias e meio que lá estive gravei imensas conversas, muitas mais do que aquelas que depois entraram nas reportagens que enviei para a rádio, e conheci contadores de histórias, escritores e ilustradores. Parecia que tinha entrado numa bolha. Andei a matutar naquilo. Fazia todo o sentido para mim dar a conhecer a dedicação e o entusiasmo que mediadores e artistas entregavam à promoção da leitura.» No regresso a jornalista questionou o colega Luís Caetano sobre a validade de um programa dedicado à literatura infantojuvenil na Antena 2, onde lhe parecia haver mais abertura a este

**«Passaram dez anos.  
Vi crescer uma série de  
editoras, de escritores e  
ilustradores portugueses  
que contribuíram para  
mudar o paradigma da  
literatura infantojuvenil  
e ainda mais o da  
ilustração.»**



desafio. Ele não só gostou da ideia como logo manifestou interesse em que esse programa integrasse o seu num formato de rubrica. Era então preciso planificar a estrutura, dar-lhe corpo e nome.

«Não me lembro como surgiu o nome. Provavelmente porque gosto muito do Gulliver.» O genérico coube à voz da filha da jornalista na tentativa bem sucedida de dizer Lilliput. «Nunca pensei mudar o genérico e foi assim. Passaram dez anos o que é por um lado assustador e por outro lado interessante porque me apercebo que vi crescer uma série de editoras, de escritores e sobretudo de ilustradores portugueses que contribuíram para mudar o paradigma da literatura infantojuvenil e ainda mais o da ilustração.» Percorrendo a lista de podcasts que estão disponíveis no programa de Luís Caetano, A Força das Coisas, não é difícil constatar que Lilliput representa um precioso arquivo de vozes e acontecimentos nacionais e internacionais no universo da literatura infantojuvenil mas não só. O cruzamento com o teatro, o cinema (em particular o de animação) e a música bem como a forte presença da ilustração denotam o crescimento imbricado destas áreas culturais dirigidas preferencialmente aos mais novos. Dos vencedores da Ilustrarte (Bienal de Ilustração para a Infância), passando pela Feira Internacional do Livro Infantil de Bolonha às reportagens sobre as Feiras do Livro dentro de portas, Sandy Gageiro calcorreou palcos, livrarias, bibliotecas e editoras, procurando dar a conhecer o que de novo se fazia e



continua a fazer. Nomes incontornáveis como David Almond, Álvaro Magalhães, Luísa Ducla Soares ou Anthony Browne são apenas alguns dos consagrados que se fizeram escutar. Mas tem havido mais, muito mais. Planeta Tangerina, Kalandraka, Orfeu Negro, Pato Lógico, Edicare, Boca, Bruaá, a entretanto desaparecida Bags of Books, Trinta por uma Linha são algumas das editoras portuguesas visitadas através dos títulos que vêm publicando e dos seus editores. Quando pensamos em autores que se afirmaram, encontramos conversas com David Machado, Carla Maia de Almeida, Rita Taborda Duarte, Catarina Sobral, entre outros.

A estrutura é flexível dentro de um modelo: entrevistas, pequenas reportagens, conversas, sonorização de espetáculos, notícias desenvolvidas a partir de sites de autores ou editoras estrangeiras, música... A principal orientação são as novidades e acontecimentos recentes. Também há espaço para evocar autores (de texto ou ilustração) em datas simbólicas ou por altura do seu desaparecimento, e para entrevistas de carreira.

«Nunca houve um tempo rígido para o Lilliput. Eu e o Luís negociamos em função do que cada um de nós tem programado. Mas o que tem acontecido com entrevistas de carreira, que são maiores, como é o caso da que fiz à Maria Alberta Meneres, à Luísa Ducla Soares ou ao António Mota é que entram no programa e ocupam mais tempo porque também interessa ao Luís Caetano ter esse tipo de entrevistas.» O que aflige Sandy Gageiro não é que se esgote o assunto, é a falta de

**«Quando falo com ilustradores pergunto sempre qual é o processo, que materiais usam e por onde começam. Quando eles explicam tudo se torna visual: ‘gosto muito de desenhar a carvão’ ou ‘começo sempre por um rabisco num papel’...»**



tempo que sente constantemente. «Ideias não faltam. Falta-me o tempo. O tempo aflige-me mais porque não posso deixar de cumprir as minhas obrigações na rádio.» E exemplifica: «Por exemplo, o Oliver Jeffers adora documentar o processo de criação dos livros. Então vou à página dele buscar as informações que vai dando, faço a dobragem e explico onde se podem encontrar estas informações. Recorro muito a este tipo de material por falta de tempo. Se tivesse mais margem podia combinar fazer entrevistas por telefone porque normalmente os autores são muito disponíveis. Só que infelizmente não tenho tempo para isso. Ideias não faltam, sinto é que ando sempre atrasada!» Se uma maior duração da rubrica permitiria dar conta de mais acontecimentos e novidades, certo é que para alcançar isso Sandy precisaria de mais tempo para preparar cada programa. Neste momento, as suas funções na Antena 1 não lho permitem.

### ***Marcos do passado e o que falta fazer***

Lilliput é o único programa de rádio em Portugal que se dedica à LIJ e arrisca tornar-se um marco na história que se vai fazendo. Porém, sendo um programa que se ouve e que apresenta, muitas vezes, livros ilustrados, como se pode passar um sentido visual através do som? «Quando faço os programas penso nisso. Quando falo com ilustradores pergunto sempre qual é o processo, que materiais usam e por onde começam.

Quando eles explicam tudo se torna visual: ‘gosto muito de desenhar a carvão’ ou ‘começo sempre por um rabisco num papel’... Lembro-me do que me disse o Benjamin Chaud quando esteve em Portugal no ano passado a convite da Orfeu Negro: ‘Gosto de ir para o café lá na minha vila. Passo lá a manhã a rabiscar e a escrever.’ Acho que essa conversa é muito estimulante. E não faço perguntas muito elaboradas. Quero mesmo é que as pessoas possam imaginar o livro.» Sobre momentos marcantes, a jornalista recorda uma fase em que a liberdade de agenda relativamente à área da atualidade na rádio lhe permitiu ter tempo para visitar editoras e livrarias e conhecer os projetos pela voz dos seus criadores. Também conheceu alguns autores estrangeiros nas suas vindas a Portugal a convite das editoras. No âmbito dos programas, especificamente, e para além da cobertura de várias edições das Palavras Andarilhas que a jornalista assume terem sido sempre determinantes para si, destaca a reportagem sobre a Fundação Edward Gorey, cuja obra a jornalista admira e a entrevista de carreira a Maria Alberta Menéres. «Foi tão incrível! A gargalhada dela era contagiante! Foi das entrevistas grandes que mais me marcaram! Mas em boa verdade as entrevistas grandes marcaram-me sempre: o António Mota, a Luisa Ducla Soares e, ah!, a Lígia Bojunga Nunes! Não me podia esquecer. Foi espetacular. Entrevistei-a nas Palavras Andarilhas. Lá está, a importância que as Andarilhas têm na minha vida!»

Para o futuro, a jornalista não tem perspectivas muito

**«Só tenho pena que os teatros nacionais não levem adaptações de textos infantojuvenis portugueses aos palcos principais. Temos tantos! Podemos recuar até à Maria Lamas, à Lília da Fonseca, à Irene Lisboa... ao Alves Redol...»**



concretas. Desejos, alguns: que o programa continue, que tenha mais espaço para reportagem e para a relação dos livros com a atualidade, e que o livro juvenil ganhe mais espaço com uma abordagem mais demorada. «Gostava de poder acompanhar o processo de criação e produção de um livro. Também aprofundar reportagens sobre a dramaturgia a partir da literatura infantil, de que gosto muito. Estou a recordar um livro do Gonçalo Viana que foi adaptado por uma companhia de teatro.» Sandy Gageiro assume ainda que gostava de completar o programa de rádio com uma página de arquivo mais organizada e um local onde pudesse transcrever algumas entrevistas na totalidade, acrescentar imagens e ter mais texto. «Acho que o programa merecia, ainda mais sendo na rádio pública. Dou o exemplo do Letra Pequena, da Rita Pimenta no *Público* que é a referência ao nível do jornalismo escrito. E na agência [Lusa] temos a Sílvia [Borges Silva] que acompanha praticamente tudo ao nível da notícia e ainda consegue fazer um trabalho maior e mais criativo com som, entrevistas a autores, etc. Gostava de um dia também conseguir fazer um trabalho assim, com escolhas em que, para além do livro pudesse dar mais atenção à realidade.

Não consegue identificar o seu público. Parte será herdado do programa de Luís Caetano, outra será diversa. «Como não tenho Facebook não sei!», comenta rindo. De qualquer forma, quando lhe perguntamos para quem pensa o Lilliput, a jornalista responde «A conclusão a que cheguei é que tento

fazê-lo para famílias. Famílias como grupo onde há adultos, crianças e jovens.» O balanço destes dez anos é positivo, não apenas no que respeita o programa como em relação ao próprio contexto da literatura infantojuvenil. O olhar atento de Sandy Gageiro permite-lhe afirmar a resiliência dos editores e livreiros independentes que conseguiram, com as escolhas para os seus catálogos e também graças a autores de grande qualidade, alterarem um pouco o lugar da LIJ no panorama geral e mais amplo do sector do livro. O que há dez anos era reduzido a um lugar menor hoje tem uma dimensão que lhe garante mais e muito merecido respeito. No entanto, não está tudo feito. «Só tenho pena que os teatros nacionais — não quero parecer injusta porque há trabalho a ser feito — não levem adaptações de textos infantojuvenis portugueses aos palcos principais. Temos tantos! Podemos recuar até à Maria Lamas, à Lília da Fonseca, à Irene Lisboa... Se calhar podemos voltar ao Alves Redol... Parece que não os respeitamos o suficiente, não lhes damos o palco que eles merecem. Gostava de ver esses clássicos a serem revisitados. Sinto falta disso.»

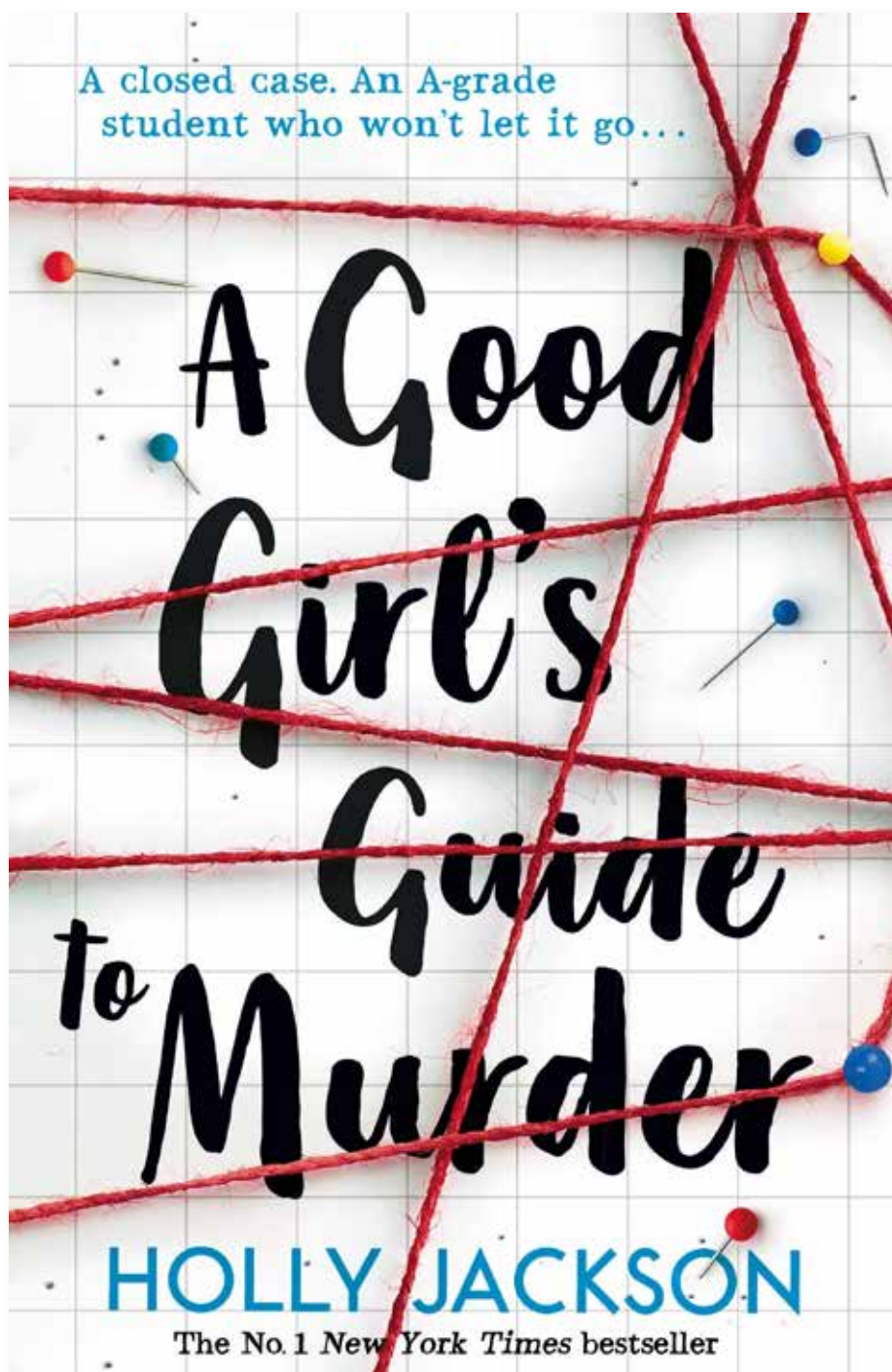
Lilliput continua a passar no final do programa A Força das Coisas, de Luís Caetano, aos sábados na Antena 2, muito perto das 18.00.

# AND THE WINNER IS...

## THE BRITISH BOOK AWARDS

As categorias são muitas mas registem-se as dedicadas ao livro infantojuvenil: entre elas destacamos as de editora e livraria infantojuvenil como evidência do quanto o mercado do livro precisa deste setor.

Ficção Infantojuvenil: *A Good Girl's Guide to Murder*, Holly Jackson, Electric Monkey

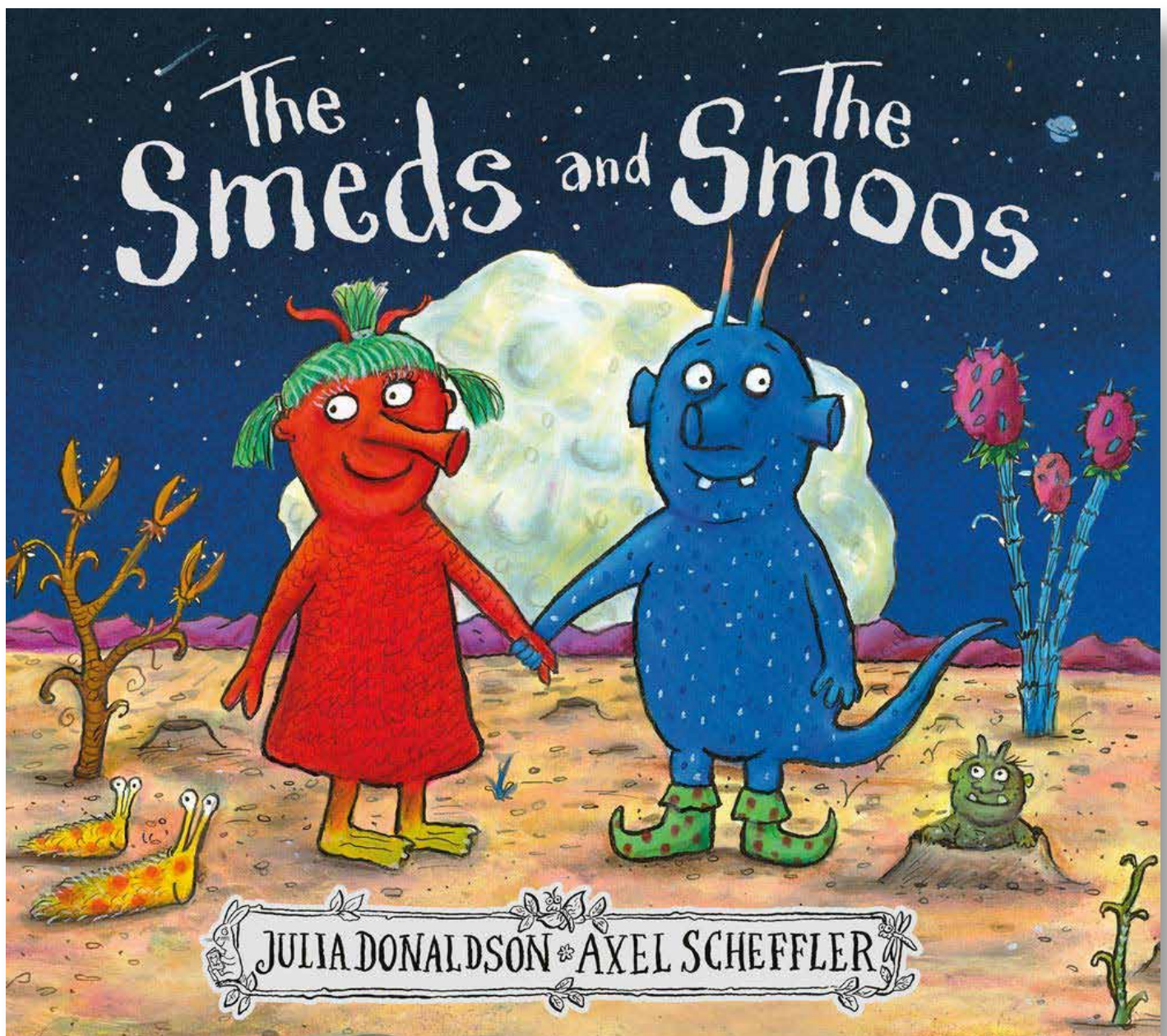




# AND THE WINNER IS...

Não ficção infantojuvenil/ álbum ilustrado: *The Smeds and the Smoos*, Julia Donaldson, Alex Scheffler, Alison Green Books

Best of the Nibbies at 30 (distingue o livro mais influente dos últimos trinta anos em que os British Book Awards foram atribuídos): *Harry Potter and the Philosopher's Stone*, J. K. Rowling, Bloomsbury.



Livraria de/ com livros infantojuvenis: **Moon Lane**.

Editora infantojuvenil: **Usborne**.

Editora independente: **Nosy crow** (infantil e álbum ilustrado)

# ESPELHO MEU

## ANDREIA BRITES



***O Protesto***  
Eduarda Lima  
Orfeu Negro

No início era o pássaro. Ou, no início era o acaso. Ou ainda, no início era o mistério. Neste álbum o protesto está estampado em todas as páginas, da capa até às guardas finais. É ambiental, como se revelará. O que nunca sabemos, porém, é como se propaga. Que conhecimento, solidariedade ou consciência têm os outros animais do sofrimento daquele pássaro? O protesto, nas manchas tricolor que preenchem as páginas com cenários cada vez mais distantes e surpreendentes revela-se um processo de contágio. São duas leituras complementares que têm em comum essa intenção de implicação ideológica que o álbum apresenta às claras. O que é muito válido neste primeiro livro de Eduarda Lima são os silêncios que não transportam o sentido narrativo para o panfletarismo ou moralismo ideológico, apostando precisamente no inverso. O leitor detém-se em momentos de profunda ironia, de dimensão trágica como a dos gorilas no jardim zoológico ou do elefante no circo, ou de surpresa quase emocional quando as crianças deixam de brincar e algumas se recusam a ir à escola. Para além da economia textual, assente na enunciação enumerativa, a seleção e organização dos intervenientes potencia um sentido crescente do protesto e desse contágio que envolve quem lê. A estética gráfica é por seu turno bastante limpa, nada agressiva nas cores e nos tons,

preponderante nas figuras e nos elementos que as rodeiam. A presença intrusiva e destruidora da ação humana integra os quadros visuais e nunca o texto. Obriga à desarmonia, fere o contexto, seja pelos cubículos do aviário, seja pelas câmaras que procuram filmar a marcha dos pinguins, numa alusão clara ao célebre documentário com este título. O livro tem muitas chamadas de atenção, joga subtilmente com a intertextualidade sem prejuízo de uma leitura mais superficial. É uma estreia poderosa e, como soe dizer-se, que empodera quem a lê.

---

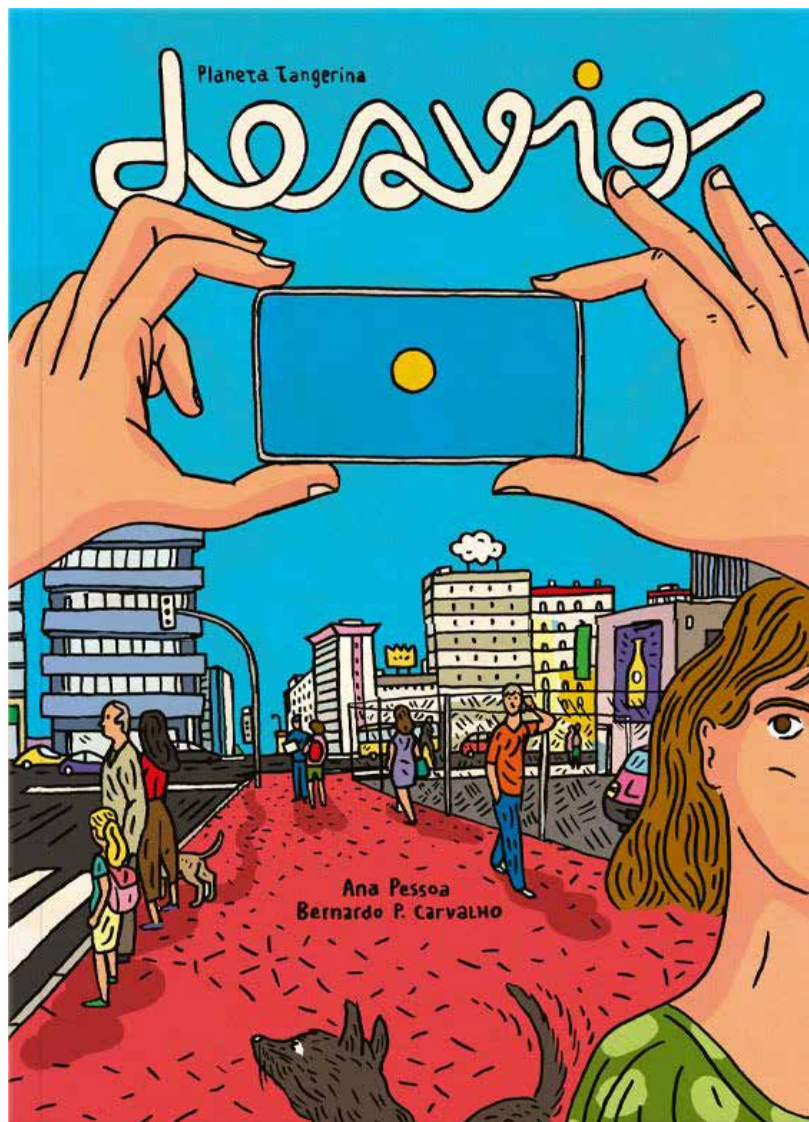
## ***Desvio***

Ana Pessoa

Bernardo Carvalho

Planeta Tangerina

Novela juvenil, álbum ilustrado para a primeira infância, diário gráfico e agora banda desenhada. Ana Pessoa ganha cada vez mais peso enquanto escritora madura, versátil e com uma identidade que atravessa diversas tipologias de texto. *Desvio* comprova-o, não mais como uma revelação, mas como uma novidade, uma outra possibilidade. A relação do texto com a ilustração de Bernardo Carvalho ganha aqui um valor ainda mais efetivo, já que é da imagem que vivem e se ampliam muitas das sugestões



textuais. Tudo no espaço de casa, tudo no movimento de Miguel, tudo na estridência da cidade que contrasta com o protagonista, tudo deriva da ilustração. Até a galeria de personagens que Ana Pessoa transfere de outras narrativas, como Careca, Edgar ou Tereza Tristeza se reconhecem nos nomes fixados nas mensagens e posts no ecrã do telemóvel. As duas vozes produzem em unísono uma pretensa crise existencial de finais da adolescência, sem a voracidade de acontecimentos a pautá-la como progressão narrativa. Ao invés, o leitor acompanha a semana que Miguel passa sozinho em casa, na ausência dos pais durante uma pausa de férias. O seu quotidiano, a

repetição dos gestos, a rotina indolente em que se move, escolhida por si, sobressai nas vinhetas e nas pranchas do livro. Perspectivas mais amplas que se estreitam até ao pormenor dão informações preciosas sobre a personagem, do que come aos cigarros que fuma à varanda passando pela sua observação do mundo e dos outros, muitas vezes através da lente do telemóvel. Do texto destacam-se sobretudo os seus pensamentos, dúvidas, sensações que vai alimentando num diálogo interior interrompido pelas mensagens ou breves conversas telefónicas com a mãe, o dia passado com a tia, a visita do grupo de amigos ou o instagram. Miguel está desviado do tempo, desviado da vontade de ir a concertos de verão, de namorar, até de pensar nas escolhas escolares para o futuro. Observa os outros, regista momentos, objetos, animais... As aulas de código pautam simbolicamente esse desvio à regra, às normas que aprende ali e que se estendem à vida. O desvio pode ser o presente, pode ser o passado. Há uma busca silenciosa pela identidade, por algo de genuíno que não se revele apenas por ser conforme a estas normas. Não há, porém, nenhuma sublevação ou ruptura. Com o regresso da família, o regresso da ordem. O desvio acabou e Miguel não parece revoltado com isso. O final da narrativa avança com decisões mas, bem ao jeito da escritora, deixa tudo em aberto. Serão apenas algo natural, que decorre desse tempo de desvio. Seja ele qual for.

sara

---

*Somos*

*seres* ma

---

*amputados*

gui

---

*josé*

*saramago*

anda

---

No dia 26 de Abril de 1999, José Saramago recebeu o título de doutor Honoris Causa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Brasil. Conforme manda o protocolo, na cerimónia o escritor pronunciou um discurso académico. Contudo, após ler o texto que havia preparado, José Saramago anunciou que, com o consentimento da reitora da universidade, diria algumas palavras de improviso. O que o leitor da *Blimunda* lê agora é a transcrição dessa intervenção do escritor, que foi recolhida pela UFRGS e publicada em um livreto ainda no ano de 1999.

---

Neste momento pensava que tinha três ou quatro maneiras de começar. Afinal, não irei usar nenhuma delas, e a razão da mudança foi a oferta de duas estatuetas que aqui vêm. Aos que conhecem a obra de Francisco Stockinger não surpreenderá que se trate de figuras humanas mutiladas. O homem tem o braço direito reduzido a um coto, com o qual levanta uma espécie de lança. O braço esquerdo também está amputado. E, tal como o homem, a mulher tem ambos os braços mutilados. Quando olhei estas figuras lembrei-me de que talvez a questão mais importante que deveríamos discutir, não só agora, mas todos os dias, não só aqui, mas em toda a parte, seria averiguar se somos, de facto, seres mutilados e, se reconhecemos sê-lo, até que ponto e em quê o somos. Não me refiro, claro, àquelas pessoas que o são fisicamente, mas sim àquelas que o não parecem. Quer dizer, refiro-me a todos e cada um de nós...



## Somos seres amputados

Nos meus livros, de forma recorrente, tem aparecido e reaparecido um tema a que já poderíamos chamar «uma constante mutilação». Vejamos: o Baltasar do *Memorial do Convento* perdeu a mão esquerda na guerra, a Marcenda do *Ano da Morte de Ricardo Reis* tem o braço esquerdo paralisado, o centauro do *Objecto* Quase morre cortado numa rocha delgada, como uma lâmina, que lhe separa a parte humana da parte animal, num outro conto desse livro assiste-se a castração de um porco. Não afirmo que não fui consciente do que fazia ao descrever tudo isto ou que não premeditei, mas digo que em nenhuma dessas ocasiões tive a percepção de estar a usar e a repetir uma ideia com raízes certamente mais profundas do que as que o leitor deduzirá, por si mesmo, da crueza evidente das situações.

A ideia de uma amputação não física do ser, ainda que à primeira vista possa não parecer, tem algo a ver com uma parte do discurso que acabei de proferir. Recordo-vos a passagem em questão (que tive o cuidado de acentuar na leitura), aquela em que me referia a uma humanidade compreendida como «transportadora de tempo» e em que afirmei que todo o entendimento do mundo e da vida só poderá ser ficcionante – histórico para o passado, porque para isso serve a História, caótico para o presente, pelas razões que estão à vista, e utópico para o futuro, porque não creio que seja possível a alguém viver sem um sentido de utopia. Passemos já por cima da habitual objecção de que utopia significa o que não está em nenhum lugar e portanto não tem existência, e respondamos que esse lugar, sendo por definição um deserto, uma vez que nele nada existe, poderá também, como qualquer deser-



## *Somos seres amputados*

to, tornar-se habitável pelo trabalho, pelo esforço, pela vontade. A utopia, assim considerada, seria aquele tempo e estaria naquele lugar em que o ser humano deixaria de se ver a si mesmo como mutilado, com amputado.

Porque penso eu que somos como seres amputados? Pela nossa própria resistência a reconhecer que o somos. Há poucas semanas, em Espanha, na cidade de Granada, ousei dizer, contra a mais óbvia das evidências, que cada um de nós tem três metros de altura, mas que, ou não sabemos, ou não nos apercebemos, ou simplesmente não acreditamos. E ousei dizer mais: que há algo acima de nós a que poderíamos chegar se o intentássemos. A quem me disser que acima de nós só Deus, responderei: «Não, isso que está acima de nós somos nós próprios.» Chegar a esse outro que não logramos alcançar, mas que poderíamos tocar com os dedos, é que deveria ser o trabalho da nossa vida. Se não chegamos é porque não imaginamos que já lá estamos, se não chegamos é porque não sabemos que se pode chegar, se não chegamos é porque não se nos permite que cheguemos: tudo isso são expressões segundas mutilação. É essa mutilação, sobretudo se não somos conscientes dela, que nos cerca de perplexidades, de angústias, de dúvidas, quando a maior parte das vezes não há tempo nem condições para pensar em algo mais que lutar pela sobrevivência, manter a qualquer preço a cabeça fora de água. Suponho que não me afastarei demasiado do tema, talvez consiga mesmo torná-lo um pouco mais claro, se me detiver agora, por um momento, a invocar um outro tipo de sobrevivência, positiva essa, tanto na sua necessidade como nas suas consequências.

## *Somos seres amputados*

Apesar do meu enraizado cepticismo sobre a utilidade de manifestações desse tipo, fui convidado a participar há tempos, em Espanha, num encontro em que seriam apresentadas e debatidas propostas, dez por cada interveniente, para o próximo milénio. Os filósofos e sociólogos estavam em maioria, no grupo não havia mais que um escritor: este que vos fala. Ora, sendo eu um autor de ficções, parece que um tal tema deveria ter estimulado a minha imaginação. Sucedeu o contrario: enquanto os meus colegas soltavam as velas de um futuro sem limites, eu contentei-me com apresentar dez propostas para o dia seguinte... De facto, não me parece sério presumir de saber hoje o que convirá a pessoas que habitarão este planeta no ano de 2999. Se no ano 1000 se tivesse celebrado um congresso para apresentar e discutir propostas para o milénio seguinte, poderíamos apostar tranquilamente que os sábios reunidos não acertariam em nenhuma delas. Até mesmo um congresso que se realizasse em 1899 com o mesmo fim, pensando não nos próximos mil anos, mas, simplesmente, no século imediato, erraria muito mais do que acertaria. Deixemos portanto nós o terceiro milénio na paz do futuro cósmico e pensemos no dia de amanhã. Mais ainda: preparemo-nos para ele começando já a viver como sobreviventes.

Que se entende em geral por sobreviventes? O que costumamos chamar sobrevivente é aquele que passo por um grande perigo, um terramoto, uma inundação, um naufrágio, um incêndio, um acidente, uma doença grave, e teve a sorte de escapar. Pelo facto de haver sobrevivido talvez passe a compreender melhor a importância, o valor e o significado de

## *Somos seres amputados*

estar vivo. Ora, olhando agora par nós todos, penso que se não começarmos a viver desde já como sobreviventes lúcidos e conscientes, amanhã poderá ser tarde demais. Quando os crimes contra o planeta em que vivemos se tornarem irreversíveis, quando o lixo invadir as casas, quando a poluição fizer da atmosfera um tóxico, quando a destruição das florestas tornar o mundo num deserto, quando os rios e os mares se transformarem em cloacas fétidas, os sobreviventes não sobreviverão. Salvo se, entretanto, encontrarem por aí outro planeta onde viver e já estiverem a cometer nele as mesmas atrocidades que temos andado a cometer neste...

Vem a propósito, e servirá para amenizar a gravidade de tom desta conversa, comunicar-vos as minhas ideias sobre a magna obra que foi a criação divina. Em primeiro lugar, penso que Deus, quando criou o universo, aquilo que tinha em mente era entregá-lo todo à sua outra magna criação, isto é, o homem. Realmente, não teria sentido ter criado uma coisa tão grande – com perdão da insuficiência das palavras «tão grande» aplicadas ao universo – para depois pôr o ser humano, sua criação mais perfeita, pois que o criara à sua imagem e semelhança, a viver num minúsculo planeta de uma galáxia secundaríssima. Reconheçamos que não era isso o que poderia esperar-se de um Deus. Portanto, o lógico e o óbvio é termos começado por habitar o planeta inteiro. Quanto tempo durou isso, não sei nem posso saber. O certo certo foi ter percebido Deus que estávamos a dar-lhe cabo do que tanto trabalho lhe tinha custado e, ainda por cima, sabendo Ele que não poderia fazer outro universo, uma vez que este ocupa o espaço todo. Então, que fez Deus? Agarrou naqueles antepassados nossos, em todos eles, e trouxe-os para

## *Somos seres amputados*

aqui, dizendo: «Já que vocês gostam de destruir, então que seja um planeta de cada vez, e não o universo inteiro».

Agora que já sorrimos, rematemos o tema. O sobrevivente, tal como o entendo, te a consciência, ou talvez o pressentimento, do valor e do significado da vida, por isso está a um passo de deixar para trás o animal mutilado que era, essa amputação da dignidade e do respeito, essa amputação do que é ou deveria ser consubstancial ao ser humano, ou melhor, a este ser que vimos sendo, a este longo e doloroso processo de humanização que é o nosso. A mutilação é o ser incompleto, amputado do que lhe faltava para ter três metros de altura, amputado de si mesmo por a si mesmo não poder alcançar-se.

Não vos demorarei muito tempo mais. Antigamente era comum dizer-se que a sabedoria vinha com a idade e crescia com ela. Alguns velhos faziam o possível para comportar-se como se isso fosse verdade, os novos, quando lhes convinha, faziam de conta que acreditavam. Não se travava de uma sabedoria apenas resultante de um conjunto de conhecimentos, mas de uma sabedoria que seria a consequência, por assim dizer natural, da própria duração da existência, como se dentro de nós houvesse um mecanismo que só precisasse de esperar uma certa hora da vida para entrar em funcionamento e começar a produzir sabedoria. Na verdade, não creio que a idade nos torne mais sábios. Mais lúcidos, sim, talvez, pelo menos enquanto não começar, ela própria, a tirar-nos a lucidez. De todo o modo, há que tomar em consideração o facto de que uma vida longa sempre tem a vantagem de mostrar-nos por mais tempo o espectáculo do mundo, que algo poderá ensinar-nos, sobretudo se não nos contentarmos com a sua



## *Somos seres amputados*

contemplação... Tudo isto para concluir que alguma sabedoria devo de ter, afinal, mesmo sendo tão notória, em mim, a falta de conhecimentos. É essa consciência, é a vontade de não me deixar enganar pelas aparências, que me obriga a dizer-vos que, sendo certo que a partir de hoje sou doutor Honoris Causa por esta Universidade, mais certo é que universitários autênticos, desde o primeiro professor até ao último aluno, sois vós, e não eu. Por isso o serralheiro mecânico que fui se pergunta tantas vezes se vós, estudantes, sereis realmente conscientes do privilégio que significa poderdes passar uma parte da vossa vida na universidade.

Não nos iludamos, porém. Ao mesmo tempo que vamos criando e desenvolvendo universidades que preparam profissionalmente pessoas para a vida, estamos fomentando sociedades que, em muitos casos, irão tornar insuportável a vida daqueles que a universidade preparou a pensar apenas na profissão que irão ter. Permita-se-me, então, que aventure que talvez esteja a faltar algo neste quadro, que talvez não seja bastante uma transmissão mais ou menos eficaz de um conjunto de conhecimentos objectivos, que talvez a universidade devesse incluir, urgentemente, no seu plano de estudos um outro tipo de saberes, uma consciência crítica e activa, uma ética de diálogo e participação, uma sabedoria, enfim, que, para formar-se, não tivesse de esperar pela velhice... Entre esses saberes incluiria eu a aprendizagem orientada de um efectivo respeito humano, não o amor universal, a que nenhum de nós é obrigado, mas o simples respeito pelo outro como razão e condição de uma justa reciprocidade.



## *Somos seres amputados*

À primeira vista, a Igreja Católica pede-nos mais do que respeito ao pedir que nos amemos uns aos outros. Mas a mim, com toda a franqueza, não me parece que tenhamos a obrigação de amar-nos uns aos outros. Uma obrigação, sim, tenho-la, mais alta, muito mais alta, e essa é a de nos respeitarmos uns aos outros. Ponha-se o respeito no lugar do amor e teremos dado um grande passo em frente. Quem sabe? Se chegarmos ao respeito, talvez consigamos o amor.

Em Estocolmo, durante a cerimónia de entrega do Prémio Nobel, denunciei a falta de cumprimento da Declaração Universal de Direitos Humanos. Não irei repetir aqui o discurso que então proferi. Limitar-me-ei a observar que o contínuo e sistemático desprezo do poder económico e do poder político por esses direitos, as ofensas e as humilhações de que eles são vítimas todos os dias e em todos os lugares, representam também, para nós, formas multiplicadas de amputação, infinitos modos de mutilação, não já interiores ao nosso ser, mas vindas de um exterior implacável para o qual não somos mais do que instrumentos de usar e deitar fora. A Declaração de Direitos Humanos é uma promessa que ninguém se mostra disposto a cumprir. Talvez porque o simples dever de os respeitar e fazer respeitar não tenha posto ainda no nosso espírito a ideia de que, de um ponto de vista ético, tanto valor terá o dever de um direito como o direito de um dever. Talvez valha a pena pensar nisso. Em palavras mais directas, para terminar: reivindicamos os nossos direitos, sim senhor, reivindicuemo-los todos os dias, aqui e onde quer que seja, mas reivindicuemos também, para os assumir completamente, os nosso deveres.

Que boas estrelas estarão cobrindo  
os céus de Lanzarote?

# A Casa José Saramago

Aberta de segunda a sábado, das 10 às 14h. Última visita às 13h30.  
Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h. Última visita a las 13h30 h.  
Open from monday to saturday, from 10 am to 14 pm.  
Last entrance at 13.30 pm.

Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias, Islas Canarias, Canary Islands  
[www.acasajosesaramago.com](http://www.acasajosesaramago.com)





julho-agosto

BUCRÁA CIRCUS

# *Até 1 setembro*

## *Festival C*

Música, teatro, dança, circo, poesia e património, são muitas as disciplinas que se cruzam neste festival cultural galego.

Santiago de Compostela, vários locais. Até 1 de setembro. ►

# *Até 5 setembro* **Indie Lisboa**

A edição deste ano do festival de cinema independente de Lisboa acrescenta várias sessões ao ar livre às habituais projeções em sala, para garantir a segurança do público. O resto mantém-se, da competição internacional aos ciclos temáticos. Lisboa, vários locais.



UM LINCE NA CIDADE





AÇÃO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL «O XERIFE DA RIA FORMOSA»

# *Até 13 setembro* **Feira do Livro de Lisboa**

Será uma edição fora do habitual, mas a Feira do Livro regressa ao Parque, aproveitando o calor do final do verão. Lisboa, Parque Eduardo VII. ▶

***Até 22 setembro***  
***La Cuarta Sala Canal***

Mais de três dezenas de atores e atrizes interpretam as grandes peças da literatura universal em castelhano, numa iniciativa dos Teatros del Canal, de Madrid, que pode ser acompanhada on-line. On-line (a partir de Madrid), La Cuarta Sala Canal. ▶



TRIGO LIMPO TEATRO ACERT «TERRA»

# *Até 27 setembro* **Que Bicho É Que Nos Mordeu**

Programação multidisciplinar, do teatro ao cinema, passando pela música, a performance, a dança ou a poesia, com a característica comum de todos os espetáculos acontecerem ao ar livre. Tondela, vários locais do concelho. ▶

**Até 27 setembro**

**Objetos de Deseo —  
Surrealismo y diseño,  
1924-2020**

Exposição com trabalhos de vários autores ligados ao Surrealismo, explorando a relação deste movimento com o design e os objetos de uso cotidiano. Barcelona, Caixa Forum. ▶

BOCCA GUFRAM SOFÁ

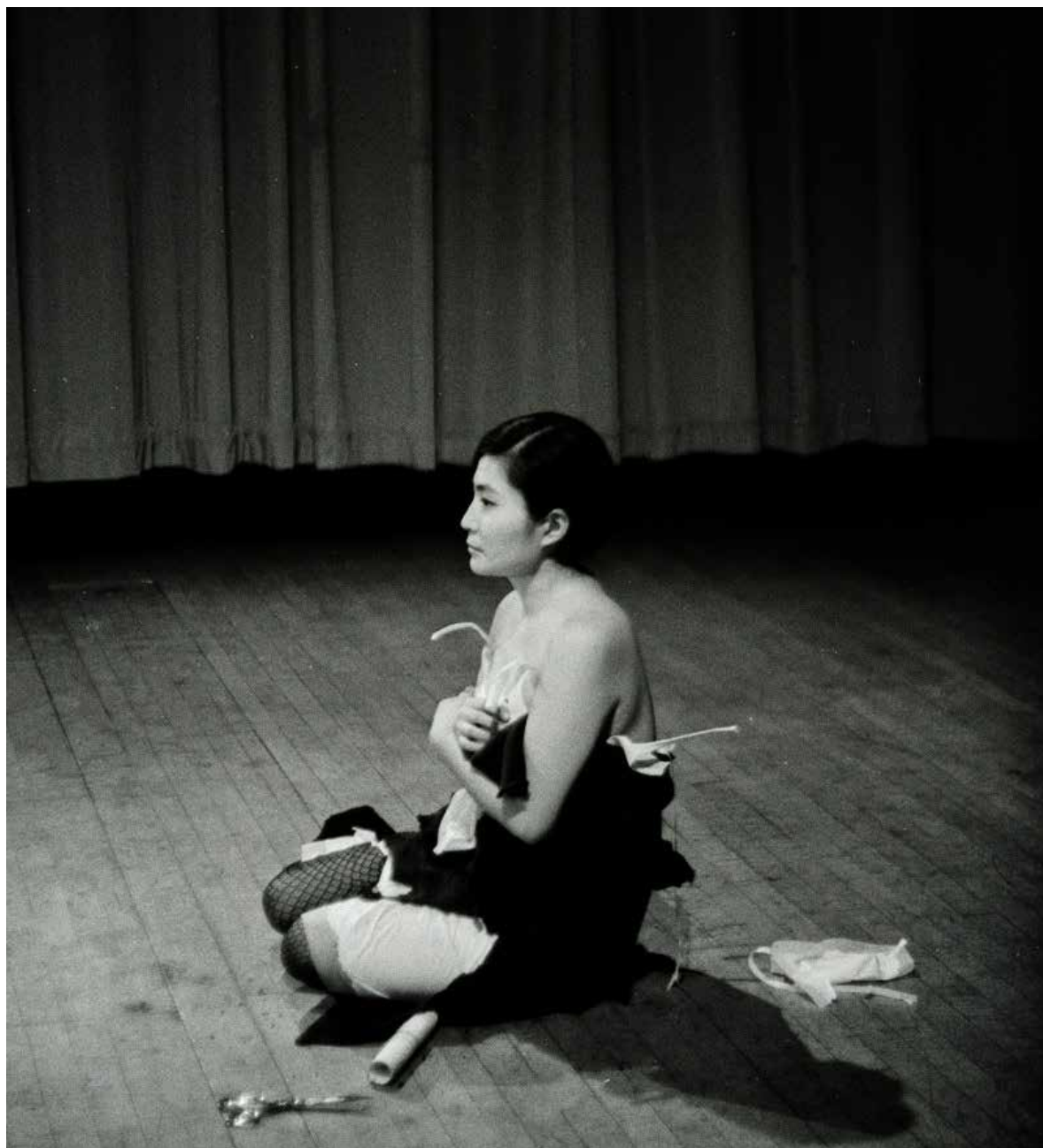




***Até 15 novembro***

# ***Yoko Ono: O jardim da aprendizagem da liberdade***

No espaço do Museu de Serralves e em alguns espaços dos seus jardins, o trabalho de Yoko Ono questiona os limites da materialidade e reflete sobre a importância de um recetor na construção de uma ideia de arte. Porto, Museu de Serralves. ▶



***dizes metamorfose e segues  
adiante, parece que não vês  
que as palavras são rótulos  
que se pegam às cousas,  
não são as cousas, nunca  
saberás como são as cousas,  
nem sequer que nomes são  
na realidade os seus, porque  
os nomes que lhes deste  
não são mais do que isso, os  
nomes que lhes deste***

**As intermitências da Morte**